



UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHLA - CENTRO DE CIÊNCIA HUMANAS, LETRAS E ARTES
PPGC – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: CULTURAS MIDIÁTICAS AUDIOVISUAIS

LUAN BARBOSA DA SILVA

**AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE JEAN WYLLYS: CONSTRUÇÃO, DISPUTAS
SIMBÓLICAS E REPRESENTATIVIDADE DO SUJEITO NOS ESPAÇOS MIDIÁTICOS**

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Luan Barbosa da.

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE JEAN WYLLYS: CONSTRUÇÃO,
DISPUTAS SIMBÓLICAS E REPRESENTATIVIDADE DO SUJEITO NOS
ESPAÇOS MIDIÁTICOS / Luan Barbosa da Silva. – João
Pessoa, 2018.
94f.

Orientação: Cláudio Cardoso de Paiva.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA.

1. Jean Wyllys; Imagem pessoal; Identidade múltipla. I.
Paiva, Cláudio Cardoso de. II. Título.

UFPB/BC

LUAN BARBOSA DA SILVA

**AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE JEAN WYLLYS: CONSTRUÇÃO, DISPUTAS
SIMBÓLICAS E REPRESENTATIVIDADE DO SUJEITO NOS ESPAÇOS MIDIÁTICOS**

Trabalho apresentado para o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB) como requisito de avaliação para a obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Culturas Midiáticas Audiovisuais

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva

João Pessoa
2018

LUAN BARBOSA DA SILVA

**AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES DE JEAN WYLLYS: CONSTRUÇÃO, DISPUTAS
SIMBÓLICAS E REPRESENTATIVIDADE DO SUJEITO NOS ESPAÇOS MIDIÁTICOS**

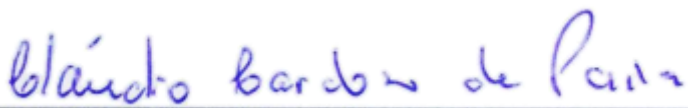
Trabalho apresentado para o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB) como requisito de avaliação para a obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Culturas Midiáticas Audiovisuais

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Cláudio Cardoso de Paiva– PPGC/UFPB (Orientador)



Profª. Dra. Eunice Simões Lins - PPGC/UFPB (Avaliadora interna)

Prof. Dr. José David Campos Fernandes– CCTA/UFPB (Avaliador externo)

João Pessoa

2018

À minha mãe, Elisangela Barbosa, e ao meu pai, José Gilbervan, que me possibilitaram e incitaram a sede de conhecimento e persistência nesta jornada. À minha irmã, Nathalia Barbosa, por me lembrar que devemos manter o foco naquilo que acreditamos. E a Jean Wyllys, pela luta incansável em prol dos direitos das minorias e por fornecer a inspiração para esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Em uma jornada difícil como esta, quando se tem que conciliar pesquisa, trabalho e outros projetos, é preciso levantar a cabeça, antes de qualquer coisa, e agradecer ao universo e a Deus pela energia inesgotável que me deram nesta caminhada.

Agradeço à minha mãe, Elisangela Barbosa, pelo incansável apoio nesses anos. Ao meu pai, José Gilbervan, depósito meu obrigado pela coragem em batalhar e me dar oportunidades que ele não teve na vida. À minha irmã, Nathalia Barbosa, agradeço por cada puxão de orelha dado no momento certo, pelas palavras confortantes em momentos de dúvida e pela torcida pela minha vitória.

A Jean Wyllys, objeto deste trabalho, pela inspiração e, em dado momento, ciência desta pesquisa e incentivo para que eu fizesse um trabalho relevante no mundo acadêmico.

Aos amigos e amigas que acompanharam de perto todas as dificuldades, surtos e lucidez. À Flora Fernandes, minha eterna companheira nesta jornada da vida, meu obrigado. Foi, sem dúvidas, minha maior válvula de escape neste processo. À Nathalia Correia, minha outra metade, agradeço às palavras de incentivo que me levantaram quando, cansado, pensei em desistir.

À amiga, professora e ex-orientadora, Cândida Nobre, que desde o princípio acreditou na minha ideia e no meu potencial e, incontáveis vezes, me ajudou em algum processo o qual não conseguiria sozinho. Você é a minha maior inspiração acadêmica, obrigado.

Ao professor e orientador Dr. Cláudio Paiva, que aceitou esta missão e me fez crescer enquanto pesquisador. Mostrou-me que a vida acadêmica é árdua, exaustiva, mas compensatória. Compartilhou comigo um pouco do seu inesgotável conhecimento sobre o mundo. Obrigado.

Aos professores Dr. David Fernandes e Dra. Eunice Simões por também terem me orientado em mais de um momento nesta etapa, abraçando meu projeto e ajudando a torná-lo melhor.

E à Capes, por financiar essa pesquisa.

Através dos outros, nos tornamos nós mesmos.

(Lev Vygotsky)

RESUMO

As novas configurações do indivíduo e de sua subjetividade, possibilitadas pelo contexto da cultura pós-moderna, abre campos midiáticos complexos e curiosos. Buscamos como objetivo, neste estudo, investigar como os campos midiáticos colaboram para a construção e articulação dos diversos sentidos da identidade através do recorte de uma persona que migra do entretenimento para a atuação política, o Deputado Federal Jean Wyllys, aqui definido como objeto de estudo por levantar bandeiras sociais consideradas polêmicas e provocar discussões que fogem do habitual, causam estranheza na audiência receptiva e, ainda assim, é legitimado por uma representação social vigente. Para tal, imergimos em conceitos de identidade e subjetividade, amparados por autores Hall (2006) e Sibilia (2008) para entender esse sujeito de condição pós-moderna, que assume identidades múltiplas para representar outros indivíduos, e as discussões que giram em torno de sua reputação nas redes sociais por prismas possibilitados por Recuero & Soares (2013) e Recuero (2013). Aqui, nos apoiamos nos aportes que tratam das cartografias das controvérsias e análise do discurso mediado pelo computador sob a perspectiva de Latour (2007) e Herring (2004). Esses estudos revelaram, até então, a análise da fragmentação do “sujeito que se é” para os “segmentos de sujeitos” que se assume dentro dos espaços democráticos de fala, as redes sociais digitais.

Palavras-chave: Jean Wyllys; Imagem pessoal; Identidade múltipla; Mídia; Rede social; Pós-moderno.

ABSTRACT

The new configurations of the individual and his subjectivity, made possible by the context of postmodern culture, opens complex and curious media fields. The objective of this study is to investigate how the media fields collaborate in the construction and articulation of the various senses of identity through the cutting of a persona that migrates from entertainment to political action, Federal Deputy Jean Wyllys, here defined as object of study for raising social flags considered controversial and provoking arguments that run away from the usual, cause strangeness in the receptive audience and, nevertheless, is legitimized by a current social representation. For this, we immerse ourselves in concepts of identity and subjectivity, supported by authors Hall (2006) and Sibilía (2008) to understand this subject of postmodern condition, which assumes multiple identities to represent other individuals, and the discussions that revolve around its reputation in social networks for prisms made possible by Recuero & Soares (2013) and Recuero (2013). Here, we support the contributions that deal with the cartographies of the controversies and analysis of the discourse mediated by the computer from the perspective of Latour (2007) and Herring (2004). These studies have revealed until now the analysis of the fragmentation of the "subject that one is" into the "subject segments" assumed within the democratic spaces of speech, digital social networks.

Keywords: Jean Wyllys; Personalimage; Multipleidentity; Media; Social network; Post-modern.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jean Wyllys criança	20
Figura 2 - Rogério Padovan, algoz de Jean Wyllys	27
Figura 3 - Usuário manifesta sua indignação no post de Jean Wyllys.....	35
Figura 4 - Apoio a Jean Wyllys.....	36
Figura 5- Representatividade legitimada.....	48
Figura 6 - Jean representa as mulheres.....	48
Figura 7 - Usuário manifesta-se a favor da legalização	49
Figura 8 - Usuário contra argumenta homofobia.....	51
Figura 9 - Usuária opina sobre legalização da maconha.....	52
Figura 10 - Disputa pela razão sobre a legalização da maconha.....	53
Figura 11 - Seguidor contrário ao afastamento de Dilma.....	61
Figura 12 - Seguidor favorável ao afastamento de Dilma.....	62
Figura 13 - Seguidor debocha de Jean Wyllys.....	63
Figura 14 - Resgate da figura de Clodovil.....	64
Figura 15 - Pesquisa sobre o cuspe de Wyllys a Bolsonaro.....	71
Figura 16 - Jean Wyllys "rasga" seu título de eleitor.....	78
Figura 17 - Usuário comenta cura gay.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Etapas para Cartografia das Controvérsias.....	60
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBB – Big Brother Brasil

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros

ILGA - Associação Internacional de Gays e Lésbicas

T - Partido Socialismo e Liberdade

PTC - Partido Trabalhista Cristão

TAR – Teoria Ator Rede

CMDA - Análise de Discurso Mediada pelo Computador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 JEAN WYLLYS: REGRA E EXCEÇÃO	19
1.1 O JEAN WYLLYS ANÔNIMO	20
1.1.1 Jean e a questão de gênero	21
1.1.2 Jean Wyllys e a influência religiosa	22
1.2 O JEAN WYLLYS CELEBRIDADE	23
1.3 O JEAN WYLLYS POLÍTICO	28
1.3.1 Posicionamento, atuação e reconhecimento	29
1.3.2 Imaginário social hegemônico e caminhos alternativos	32
2 SUJEITO PÓS-MODERNO, IDENTIDADE MÚLTIPLA E REPUTAÇÃO NAS REDES SOCIAIS	37
2.1 QUEM SOMOS?	37
2.1.1 Noções de identidade	37
2.1.2 Como se faz uma identidade?	39
2.2 IDENTIDADE E RELAÇÕES SIMBÓLICAS	43
2.2.1 Identidades políticas e representação	45
3 UMA ANÁLISE DA CONTROVÉRSIA	55
3.1 METODOLOGIA	55
3.1.1 Jean Wyllys pré-impeachment	59
3.1.2 Jean Wyllys durante o impeachment	69
3.1.3 Jean Wyllys após o impeachment	77
3.1.4 As identidades remanescentes	80

<i>3.1.4.1 Jean Wyllys LGBT</i>	81
<i>3.1.4.2 Jean Wyllys Mulher</i>	83
<i>3.1.4.3 Jean Wyllys Negro</i>	85
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 87
 REFERÊNCIAS	 90

INTRODUÇÃO

Vivenciamos uma era em que a cultura midiática proporciona o nascimento de novos sujeitos e identidades. A esfera digital não se limita a uma rede de fios, mas se expande à construção das identidades e projeção de indivíduos que exploram, de diferentes formas, o novo espaço público informacional. Cada vez mais conectados, emergimos para um novo momento sociocultural que dilata os limites de quem somos, ou quando somos. Munidos de ferramentas que amplificam vozes, os indivíduos se tornaram interlocutores de sua própria narrativa, assumindo, assim, certo controle na fomentação de novos espaços de debates e articulações de ideias, ideologias e conceitos que interferem diretamente no seu ser e estar.

Neste contexto, somos todos interlocutores e integramos e programamos uma inteligência coletiva que nos leva a uma praça pública da contemporaneidade e de construção social. Bauman (2001) expõe esta transformação da Ágora ¹ coletiva na focalização do individual, impulsionando a exposição da intimidade ao público: trocamos as praças por *talk shows*, onde as massas assistem, participam, mandam mensagens, telefonam para fazer perguntas etc. Microfones ligados aos confessionários da intimidade humana projetam as individualidades nos alto falantes das praças sociais.

As realidades geradas pela veemência midiática modificam, significativamente, as imagens construídas pelos sujeitos sobre a realidade. Entretanto, o sujeito esclarecido, mesmo imerso nos condicionamentos da sociedade de consumo, em vez de se automatizar, cria as suas próprias regras de organização mental e social (atribuindo-se um lugar, uma função e produtos a consumir). Este indivíduo, livre, seguindo a linha de pensamento de Certeau (1998), inventa o seu próprio cotidiano através do que o autor chama de "arte de fazer", que modifica os códigos e objetos e encaminham o sujeito a uma (re) apropriação do espaço de si. O sujeito, anonimamente, traça o seu próprio caminho e inverte a lógica oficial e mercadológica das políticas culturais, construindo, assim, sua própria ordem social e, por consequência, sua identidade. Certeau nos fornece a imagem conceitual desse sujeito: o consumidor passivo se torna cidadão participante, interativo a partir da criação anônima, surgida na prática de desvio do hábito do usuário-consumidor que se emancipa e ganha autonomia.

¹Espaço onde o cidadão grego convive com o outro para comprar coisas nas feiras, onde ocorrem as discussões políticas e os tribunais populares: é, portanto, o espaço da cidadania.

Fazendo uma leitura crítica da mídia (rádio, televisão, hipermídia), percebemos que os atores sociais podem se informar e construir suas próprias representações enfrentando a narrativa midiática que fabrica e publiciza falsas representações do indivíduo. Contrariando a regra, há formas sensíveis e inteligentes no espaço midiático que podem ajudar na própria “produção da subjetividade”. Apostamos na ideia de que os atores sociais podem ocupar os espaços midiáticos de maneira estratégica e, atuando criticamente, podem articular discursos poderosos de natureza social e política. O caso do ex-participante do *reality show Big Brother Brasil* (5ª edição - 2005) e deputado federal pelo PSOL-RJ, Jean Wyllys, mostra-nos, por exemplo, uma estratégia inteligente de como entrar e sair das estruturas do entretenimento para ocupar um espaço de fala ético-política afirmativa que proporciona a reflexão e o esclarecimento para os telespectadores, mesmo imersos na sociedade midiaticizada.

Assim, esta pesquisa investiga como o ex-BBB utiliza as mídias para projetar e assumir sua voz política, tornando-se um militante ativo de causas sociais. Aqui, estabeleceu-se o foco no personagem Jean Wyllys, não o limitando como celebridade de *reality show*, mas como indivíduo que assume sua orientação sexual e milita por esta causa.

O estudo da exposição pessoal levou-nos a compreender como se dá a migração e rearticulação do discurso nos campos midiáticos estratégicos, conforme ilustra, de forma geral, Paula Sibilia, em seu livro “O Show do Eu” (2008), explicando os modos de projeção da identidade. A observação do caso desse indivíduo, enquanto ator social e político, nos levou a buscar bases teórico-metodológicas para entender as suas estratégias de empoderamento. Encontramos algumas pistas nas formulações conceituais de Bourdieu (1998), que apresenta as noções de “capital intelectual” e “capital simbólico”, as quais explicam algumas formas de uso estratégico da mídia, por parte do personagem. O interesse pelo objeto se revelou mais claramente mediante um aprofundamento nos estudos da política na era da comunicação de massa. Esta pesquisa, portanto, encontra sua relevância ao se debruçar sobre a performance do “ativista midiático”, ou seja, o exame da potencialidade dos atores sociais que se utilizam dos processos midiáticos para realizar os agenciamentos sociopolíticos e socioculturais.

Para enfrentar a complexidade do nosso objeto de estudo, partimos do pressuposto de que há uma cultura veiculada na mídia, cuja potencialidade de efeitos audiovisuais e natureza espetacular atua sobre as estruturas do imaginário cotidiano. Deste modo, grande parte da cultura midiática que amplia os espaços de entretenimento, contribui para a formação da opinião pública e comportamento social, influenciando sobre as construções imagéticas sociais. Logo,

forjam-se, para o pior e para o melhor, os elementos necessários à construção da identidade dos novos indivíduos (KELLNER, 2001).

As mídias responsáveis por este construto social fazem parte de um sistema industrial elaborado através de um modelo de produção de massa que gera audiência, sendo assim pautadas pelos interesses da sociedade de consumo. Neste terreno, percebemos a luta ideológica de grupos sociais que disputam, através da difusão de discursos imagéticos difundidos na mídia, o controle do que se produz. Sobre esse poder, Kellner (2001, p.9) elucida:

O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral.

Essas narrativas, providas pela mídia, dispõem das aptidões e símbolos que alicerçam as identidades dos indivíduos contemporâneos. Esta circunstância tem instigado os pesquisadores a problematizarem as formas de “ver” e “mandar ver” na cultura globalizada (Fausto, 2006). Graças às novas ferramentas interativas, é possível notar a projeção de si na sociedade enquanto sujeito ativo da experiência comunicacional. Observando o cotidiano do indivíduo pós-moderno, encontramos imensuráveis exemplos de sujeitos que, tendo se tornado pessoa pública em um programa de TV, transpõem as limitações da “mídia globalizada e passam a ocupar outras plataformas, onde ganham voz e notoriedade na esfera pública.

Os rompimentos das paredes subjetivas fazem emergir o sujeito às margens da sociedade e o transforma em um objeto de voz a ser monitorado e analisado. Sibilia (2008, p.15) nos ajuda a entender como se articula esse processo de auto projeção social o qual temos observado como um fenômeno que vem modificando a história e comportamento dos indivíduos nos últimos anos:

Nas últimas décadas, a sociedade ocidental tem atravessado um turbulento processo de transformações, que atinge todos os âmbitos e leva até a insinuar uma verdadeira ruptura em direção a um novo horizonte. Não se trata apenas da internet e seus universos virtuais para a interação multimídia. São inúmeros indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história; [...] Uma transição de um mundo para outro: daquela formação histórica ancorada no capitalismo industrial para outro tipo de organização social, que começou a se delinear nas últimas décadas.

A citação contribui para contextualizarmos o lugar do indivíduo no novo estágio do capitalismo, que modela “estilos de existência” a partir dos modos de publicização deste pelos processos midiáticos. E o uso do termo “tirantias da visibilidade” cabe como uma luva para exemplificar o caso do “Big Brother”, entre outros fenômenos midiáticos. O que Sibilia tenta nos mostrar são as novas posições da subjetividade como um processo que destranca e impulsiona o “eu” para outras zonas. “Do interior para o exterior, da alma para pele, do quarto próprio para as telas de vidro” (2008, p.16), destaca a autora.

Chegamos, então, ao alvo da nossa pesquisa: o Deputado Federal Jean Wyllys é analisado aqui não como biografia, mas pela sua performance como resultado de um construto social que começa na construção da sua imagem pessoal e anônima, passa pela modelagem midiática no *reality show Big Brother Brasil* e culmina no território político, quando assume o papel de agente social que pauta e reivindica o respeito aos direitos humanos e defende fervorosamente as causas humanitárias.

É importante notar que o percurso do nosso objeto/ sujeito de investigação não começa em 2005, quando o enxergamos no centro das projeções midiáticas possibilitadas pelo programa televisivo. Há, antes disso, um sujeito que se forma exercendo experiências culturais (foi professor de Comunicação), sociais (faz parte de uma camada social esclarecida), econômica (pertence aos estratos de uma classe trabalhadora e sempre “deu duro na vida”). O reality show, porém, lhe servirá de palco, onde será exposto, ampliado pelos holofotes, revelando partes do seu “eu”. E terá um preço a pagar: o seu discurso e comportamento serão julgados e aprovados ou reprovados pelo público.

Goffman (1991) nos ajuda a repensarmos esse produto midiático – BBB - que ganha destaque por revelar o que ligeiramente estaria protegido: a intimidade. A exposição pessoal no programa derruba as barreiras audiovisuais, evidenciando incidentes que projetam o sujeito ao âmbito da presença de quem assiste. Dado isto, percebemos quão atrativa é a vida cotidiana, que fascina os olhos pela riqueza de detalhes rotineiros. Sodré (1990) vai além e nos provoca acerca de um auto encantamento ao se ver projetado na esfera pública. É o que ele chama de espelho midiático: “O fenômeno da fascinação consiste precisamente em saber que se é visto com intensidade, ou melhor, em se ver sendo visto” (SODRÉ, p.12).

Os espelhos, propostos por Sodré, demonstram a fascinação em se ver representado no outro. Para o autor, este processo começa quando a indústria midiática permite a revelação de pessoas comuns e dá-lhes a possibilidade de se tornarem personagens centrais de uma narrativa

carregada de conteúdo atrativo. Aqui vemos o poder apelativo da cultura de mídia ao oferecer-nos imagens de representação. É o que nos confirma Contrera (2003, p.104) ao nos esclarecer sobre como "a cultura muitas vezes determina totalmente a aceitação ou não de um produto, de acordo com a maior ou menor capacidade que este detenha de evocar conteúdo do imaginário, provocando ou não uma identificação do público consumidor".

Ao decorrer deste estudo, observamos como o ex-BBB transbordou as margens do entretenimento proposto pelo programa televisivo e, utilizando da janela que lhe foi oferecida como mérito por ter vencido o *reality*, alcançou um espaço de discussão que escorreu de sua zona midiática embrionária e chegou a esferas sociais, ganhando voz política através da associação de sua identidade a causas ativistas, como a luta pelos direitos LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

Podemos chamar esta convergência, de acordo com Jenkins (2009), de colisão de mídias. Em seus estudos, o autor insinua que, mais do que tecnologicamente, passamos por uma transformação cultural provindas das novas formas de interação social. O velho se integra ao novo e constrói novos horizontes de posicionamento de quem consome. Jean Wyllys, portanto, vem da mídia tradicional e a sua projeção nas mídias digitais não é uma continuidade, mas uma colisão: há disputa, confronto. Definitivamente não é uma transição pacífica.

Deste modo, a pesquisa se propõe a analisar e compreender os fluxos de discurso desses novos sujeitos sociais. Como se dá a compreensão desse indivíduo, ator social e político, dentro da cultura midiática? Apoiados nos autores supracitados e outros que contribuem com os estudos culturais atuais, realizamos, nas próximas páginas, leituras analíticas de recortes de falas para montar um rascunho que implicasse no entendimento da construção e projeção de identidades a partir dos espaços midiáticos. Logo, dividimos este estudo em três partes:

Na primeira, trazemos recortes da vida do objeto que sinalizem as suas inclinações culturais, políticas e sociais a fim de entender suas identidades. Na segunda parte, fizemos um levantamento bibliográfico acerca dos conceitos que orbitam o perfil do nosso objeto, explorando as noções do sujeito de condição pós-moderna, identidade múltipla e reputação nas redes sociais. Na última parte, como resultado, trazemos análises de acontecimentos que tentam validar esta pesquisa. Trata-se, sobretudo, de discursos e posicionamentos que envolvem nosso objeto e geram controvérsias que buscam a nulidade das identidades de Wyllys.

1 JEAN WYLLYS: REGRA E EXCEÇÃO

Embora não se trate de um trabalho de fã ou de uma pesquisa biográfica, é importante destrincharmos um perfil do deputado Jean Wyllys para compreender melhor a multiplicidade da sua identidade. Para entendermos o sujeito pós-moderno, precisamos ter a consciência de que a condição pós-modernidade nasce como oposição ao moderno. É quando a soberania da ciência, da razão, entra em decadência e dá vazão à valorização de signos ao invés das coisas reais.

Neste contexto, o sujeito é conduzido por valores que são antagônicos. Jair F. dos Santos (1896) releva que, neste momento, há uma evidenciação do cotidiano banalizado, da anti-arte, do cômico e participação do público na ruína das grandes ideias e valores sociais. Deus, verdade e família dão lugar ao desejo, loucura, sexualidade e poesia. O sujeito pós-moderno rejeita o poder e valoriza o momentâneo. Ele abraça o narcisismo e assume a sua identidade móvel, vivendo no simulacro das coisas e alimentando-se de signos.

Para Bauman (2004), a identidade é sempre algo muito evasiva e escorregadia, uma realidade preexistente. Ele defende a ideia de que a identidade é algo a ser inventado e não descoberto, um objeto a ser construído a partir do zero, absorvendo elementos externos e, só então, pode ser “definida”. Bauman vê esse marco, da revelação da provisoriedade da identidade, como algo recente, da sociedade pós-moderna, já que as sociedades mais antigas não problematizavam esse elemento, tratando-o apenas conjuntivamente e não como uma característica única de cada indivíduo.

Ainda segundo Bauman, a ideia de identidade nasceu da crise de pertencimento e do esforço para recriar a realidade à semelhança da ideia. O autor vê a identidade como uma ficção criada que precisou “lutar” para se instaurar no indivíduo como realidade. É como se o sujeito tivesse que tomar consciência do eu particular e a partir de então passar a ter uma identidade, ou construí-la.

Nessa perspectiva, este capítulo traz um recorte cronológico analítico da imagem de Jean Wyllys em três momentos: 1) o anônimo; 2) a celebridade e 3) o político. Esta linha periódica nos dará munição para entendermos essa identidade pessoal que alcança as identidades múltiplas.

1.1 O JEAN WYLLYS ANÔNIMO

Jean Wyllys de Matos Santos nasceu em Alagoinhas, interior da Bahia, em março de 1974. Filho de mãe lavadeira e de pai pintor de automóveis, teve uma infância comum à realidade periférica baiana da época: extrema pobreza e dificuldades. Em seu livro biográfico “Tempo bom, tempo ruim”, Wyllys (2014) assume, sem orgulho ou vergonha, que viveu abaixo da linha da pobreza e tinha que lidar com o alcoolismo do pai, alimentado pela frustração de não poder dar uma infância melhor aos cinco filhos. Por conta disso, Jean começou a trabalhar aos 10 anos de idade vendendo algodão doce para ajudar em casa.

Apesar da realidade difícil, o baiano revelou desde cedo uma paixão pela leitura e estudos. Ainda no livro supracitado (p.15), Jean aponta que a falta de dinheiro para comprar livros não o impedia de querer aprender. Ele se virava com o que tinha, lendo, por exemplo, bulas de remédio.



Figura 1 - Jean Wyllys criança (Google Imagens)

Jean Wyllys teve uma formação influenciada pela Teologia da Libertação. Foi coroinha de igreja e ingressou na Pastoral da Juventude Estudantil, onde desenvolveu uma vertente ligada ao pensamento marxista, que o levaria, mais tarde, a se envolver com movimentos de igualdade social e direitos humanos.

Quando terminou o ensino médio técnico em um colégio de padrão suíço², Jean trabalhou como programador em um hospital de Salvador até prestar vestibular para jornalismo e atuar por sete anos como repórter nos jornais locais. Neste meio tempo, também ingressou no

² Fundação José Carvalho, entidade educacional filantrópica. Ver em: <http://www.fjc.org.br/>

mestrado na área de estudos culturais em literatura e lecionou no ensino superior até se mudar para o Rio de Janeiro e dedicar-se exclusivamente à carreira acadêmica.

1.1.1 Jean e a questão de gênero

Em um imaginário social insistentemente arcaico, Jean Wyllys teve consciência acerca de sua homossexualidade ainda na puberdade. No seu livro, Jean revela que sua aproximação ao universo feminino na infância sempre fora mais intensa que ao masculino. Em uma Bahia periférica dos anos 80, onde a figura do "cabra macho" imperava junto à uma cultura coronelista que induz o homem a demonstrar sua masculinidade como forma de assimilar sua força enquanto indivíduo (Albuquerque, 1999), Jean rejeitava essas características e tencionava sua personalidade à permissividade de ser delicado, criativo e expressar suas emoções enquanto sujeito.

Vivemos em uma sociedade em que a heterossexualidade, apesar dos constantes avanços puxados pelas vertentes culturais, midiáticas e políticas, ainda é hegemônica dentro de um quadro representativo. Esta mesma sociedade replica crenças genéricas a respeito do ser gay no Brasil e relacionam estes sujeitos a conceitos carregados de preconceitos que os reduzem à marginalidade, promiscuidade, clandestinidade, travestimos, prostituição, etc.

Hoje é possível enxergar essa representatividade de sexualidade e gênero de forma mais clara. Novelas, séries e a própria mídia têm contribuído para levar esta discussão às casas da “família tradicional brasileira” como forma de quebrar paradigmas e ofertar uma nova visão do que é ser gay ou “diferente”. Ainda que haja uma linha editorial bem definida dentro desses veículos de comunicação, há de se reconhecer o esforço de profissionais que disputam este espaço para abordar temas que são de interesse social. Se pensarmos nos meios de comunicação como elemento com participação direta na construção do imaginário social, enxergaremos a importância e necessidade de frames diversificados que sustentem inúmeras representatividades e reconstruam significações.

Ao assumir sua condição sexual para a família, Jean Wyllys não teve que lidar com rejeição e fez disso um marco de sua personalidade. Hoje, aos 44 anos, Jean é um defensor do “grito homossexual”, mas, como muitos sujeitos gays e lésbicas, cresceu cercado de insultos que colocavam sua subjetividade em um lugar de vergonha social.

A sociedade atribuiu – e ainda mantém, em certa medida – o papel de inferioridade a essas personas, alimentado por ataques simbólicos – xingamentos, deboche, caricaturas, teatro,

novelas, publicidade – e replicados no imaginário social: de acordo com o último relatório ³ da Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), o Brasil ocupa o primeiro lugar em casos de homicídios de LGBTs no mundo.

A inclinação aos estudos culturais e aos direitos humanos levaram Jean, conforme veremos mais à frente, a se tornar um dos militantes mais atuantes do país em prol da igualdade de gênero, sexualidade, etnia e religiosidade. Sua afirmação enquanto homem gay contribui para ampliar os debates deste cerco e ressignificar conceitos dentro do imaginário social.

1.1.2 Jean Wyllys e a influência religiosa

Como apontado anteriormente, Jean Wyllys cresceu sob uma forte influência religiosa. Durante sua infância esteve muito presente dentro da igreja e, através dela, conheceu o movimento político. Porém, com o amadurecimento de sua identidade e a reflexão sobre certos assuntos que a igreja não era capaz de responder – ou não queria, conforme um trecho de seu livro (2014, p.30), quando ele diz que um dos bispos lhe acusou de estar perdendo a fé diante da questão da homossexualidade no catolicismo -, Jean foi se distanciando dos dogmas por entender que o mesmo sistema que lhe havia ensinado valores nobres também restringia suas possibilidades de ser.

Sua aproximação às religiões de matriz africana se deu de forma muito natural através de sua avó paterna, que era rezadeira. Hoje, Wyllys é um dos defensores mais ferrenhos da liberdade religiosa e construiu parte de sua identidade em cima da luta contra a intolerância de religiões menores, como o Candomblé.

Apesar de laico, o Estado brasileiro é regido, sobretudo, por uma maioria cristã, com parlamentares fundamentalistas que marginalizam a diversidade religiosa no social. Em novembro de 2017, para se ter uma ideia, o jornal El País publicou uma matéria ⁴que sinalizava o aumento de 4.960% no número de denúncias por discriminação religiosa nos últimos cinco anos no Brasil.

Ao longo da história, as religiões de origem africana foram mal vistas no Brasil por serem consideradas arcaicas e primitivas, contribuindo, assim, para a perseguição dos seus praticantes. Essa moldagem do imaginário social, a qual desqualifica a história do negro, foi construída, sobretudo, por representações destorcidas sobre a cultura africana. Os crucifixos

³ Disponível em: <http://bit.ly/2J1mVFN> | Acesso em 04/01/2018

⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/03/politica/1509708790_213116.html | Acesso em : 04/01/2018

fixados em locais públicos como escolas, hospitais e tribunais acabam por alimentar ainda mais a supremacia cristã dentro do Estado.

Tal fato abre precedente para que agentes sociais como Jean Wyllys projetem suas vozes em busca de uma sociedade igualitária. Percebemos, nos últimos tempos, a maior relevância dada a conceitos que discutem feminismo, questões de raça, etnia, identificação de gênero e orientação sexual. Tais pautas são essenciais no desenvolvimento dos estudos culturais, pois, através do discurso daqueles que levantam essas bandeiras, é possível politizar a essência dessas lutas sociais e a vontade motivacional que surgem delas. Sobre esse ponto, Reis (2013, p.9) corrobora:

O alargamento da discussão acerca da homossexualidade na mídia brasileira tem sido feito principalmente a partir de discursos personificados. De forma que determinados sujeitos em específico têm travado uma luta discursiva em torno da questão. Ao exporem seus argumentos, essas pessoas assumem uma posição política perante a sociedade. De maneira que elas passam a reivindicar uma identidade perante o outro. Neste ponto torna-se pertinente questionar até que ponto seria possível ao sujeito determinar os limites de sua própria identidade.

A autora aqui atribui o termo mídia aos agentes que assumem um embate social referente à questão, enfrentando diferentes movimentos sociais atuantes na atualidade, como o cristão e o LGBT, e exercem influência sobre o comportamento da sociedade, refletindo as questões basilares debatidas a partir de outras instituições ou movimentos sociais. Jean Wyllys é, portanto, uma mancha social, um corpo estranho projetado em um espaço de poder que, a princípio, não lhe cabe.

1.2 O JEAN WYLLYS CELEBRIDADE

Quando entrou no *Big Brother* Brasil (BBB), em 2005, Jean Wyllys provavelmente não tencionava ganhar o programa. Segundo declarações do mesmo, após o fim do reality, sua inscrição se deu por curiosidade acadêmica: Jean queria fazer uma experiência etnográfica, estudando, de perto, a sistemática do programa e sua influência sobre as massas em um jogo de “verdades”.

O *reality show*, criado pelo holandês John De Mol, mistura elementos do real e imaginário, recriando um cotidiano social legitimado pela confinamento de sujeitos que se manifestam através do comportamento e diálogos entre si. Trate-se, sobretudo, de um cotidiano

projetado, já que sua autenticidade passa pelo processo de edição do programa, que decide o que vai ao ar e o que o público não precisa/deve saber. Podemos entender esta simulação dentro da estética do grotesco, já que podemos "localizar o grotesco nas brincadeiras escatológicas, nas obscenidades e nos ditos provocativos capazes de suscitar riso" (Sodré e Paiva, 2002, p. 36).

A essência do programa serve, principalmente, para atender a um fetiche social, o voyeurismo (satisfação em assistir ao outro), e proporcionar ao expectador uma fuga da própria realidade cotidiana, conforme nos clarifica Deleuze (1990) ao incitar a satisfação de quem assiste e observa a "prisão" de outrem em um sistema que simula o próprio confinamento social. Na era pós-moderna, os segredos parecem não fazer mais sentido. Os sujeitos buscam expor sua biografia ao máximo nos espaços de comunicação e querem obter audiência, repercussão. O anonimato é indesejável. Pior: não ser percebido pode ser um verdadeiro pesadelo para os sujeitos pós-modernos. E se queremos expor o nosso eu, queremos que os outros também o exponham, principalmente se suas histórias e experiências forem empáticas. É o caso das figuras públicas, artistas, políticos, atletas e celebridades.

Acostumamo-nos a ter um feedback de suas vidas, de tudo que lhes acontece e queremos isso a todo instante. Mais: queremos participar dessas experiências. É como se todas as paredes da intimidade fossem feitas de vidro. E o vidro é inimigo mortal do mistério. Nosso comportamento mudou drasticamente nas últimas décadas. De escritores de diários íntimos e irreveláveis a blogueiros populares, queremos que os outros nos conheçam. Nada mais ilustra esse novo modo de agir que os *reality shows*. O BBB é um ensaio da nova realidade da sociedade pós-moderna. Em confinamento em uma casa com padrões elitistas, pessoas, até então anônimas, entram em um jogo de se mostrar. Vale ser autêntico, vale atuar. O objetivo é convencer o telespectador que assiste, ávido ao comportamento alheio, que você é o melhor naquele espaço, que merece o seu apoio e, assim, o prêmio final. O programa é apenas um recorte desse novo sujeito e sua subjetividade: queremos expor e queremos que o sujeito se exponha também.

Há, inegavelmente, uma nítida vontade de saber o que o outro faz e opinar sobre isso como se aquilo fizesse parte de nós. E faz. Modificamos as nossas rotinas para que possamos acompanhar melhor este tipo de programa, assinamos TV a cabo para termos um retorno maior, participamos de enquetes e fóruns de discussão na rede, votamos no nosso preferido, sofremos, choramos tal como fizéssemos parte daquilo. Somos parte do contexto, de forma legítima.

O filósofo alemão Peter Sloterdijk (2007) diz que a indústria cultural atual se resume a uma máquina de mostrar, que toda produção artística gira em torno da exposição. O autor se refere, na realidade, à produção de exposições, à fabricação de realidades simbólicas que possam ser impulsionadas ao público. Falamos de arte aqui para ilustrar a transição temporal que ocorreu, graças à indústria midiática, da visibilidade da obra para o autor, a fim de satisfazer a sede de observar as vidas alheias que o público cultiva. O artista, a celebridade, o conhecido, passa a valer mais que suas próprias produções, pois este é detentor da personalidade que pode ser exposta e pode responder àqueles que lhe seguem e fazem deste uma personalidade visível e vendável.

Importa aqui dizer que, tais produtos culturais, como o BBB, não são meros instrumentos de manipulação das massas que funcionam sem que haja qualquer reação. O espectador é dotado de inteligência crítica, mesmo quando imerge na nulidade do espetáculo ao qual é exposto. Ou seja, há um paradoxo nesta relação que resulta em distância e aproximação, sendo que "a aproximação se dá no momento da identificação com o que se assiste, ou seja, no gozo resultante simultaneamente da imersão e da sensação de sentir-se 'menos idiota'; enquanto que o distanciamento está no ato de desligar o aparelho e a 'vida real' ser retomada"(Menezes, 2005, p.112). O próprio Jean Wyllys (2014, p. 40) entende que os produtos de massa fazem parte de práticas de significação e de sistemas simbólicos que resultam em sentidos e posicionam sujeitos, reproduzindo e produzindo realidades.

Sua participação no programa e, conseqüentemente, sua vitória sobre os demais participantes, devido ao que podemos denominar de “carisma autêntico”, quando os espectadores do programa elegeram Jean Wyllys como o sujeito que melhor expôs suas características e teve como respaldo a compatibilidade do público, não de forma homogênea, claro. Jean abriu margens para conquistar um espaço até então ausente de um líder. Sobre esse jogo de espelho, no qual o receptor se identifica com a mensagem do emissor, Pena (2002, p. 146) argumenta:

No palco contemporâneo, o espetáculo em cartaz é a vida. Os ingressos na bilheteria dão direito a entrar na intimidade dos atores, formar alteridades e idealizar heróis, mas a plateia não está satisfeita e quer ela mesma encenar o espetáculo. E na esquizofrenia de ser ao mesmo tempo personagem e espectadora, ela tenta ler o letreiro em néon que anuncia o título da obra: realidade.

Esses reflexos, segundo o autor, são causados pela representatividade que um programa como o BBB simula: nele, encontramos sujeitos, ou personagens, nordestinos, sulistas, empresários, médicos, cabeleireiros, advogados, dançarinos, etc. Com o toque da edição, cada sujeito ali confinado assume o seu papel: o de vilão, o de mocinho, o de amigo, o de barraqueiro, o inteligente, o ignorante. Nos jogos de identificações, Jean Wyllys assumiu um papel de fácil assimilação: pobre, nordestino, com uma história de vida sofrida e, o mais importante para este estudo: sua orientação sexual. Assumidamente gay, Jean rompeu paradigmas fundamentalistas ao levantar uma bandeira ativista dentro do reality. Com tom contido, porém seguro, o baiano abordava pontos até então “inéditos” na quinta edição do programa, provocando no público uma empatia suficientemente forte para torná-lo vencedor na competição.

Jean assumiu sua sexualidade logo no primeiro paredão⁵. Sua posição humanista e intelectual foi suficientemente forte para que o público, até então sem contato com uma persona de orientação sexual não homogênea, abraçasse o discurso de Jean, que defendia valores que pareciam um tanto fora de lugar em um programa em que pessoas traem umas as outras para se tornarem celebridades ou levarem para casa uma quantia que pode significar uma mudança de vida radical. Wyllys defendeu a ética, a amizade e a cultura brasileira.

No entretenimento, a espetacularização da vida torna cada detalhe de um sujeito superdimensionado. Trata-se de uma valorização sobre um indivíduo capaz de roubar a cena, se destacar na multidão e se tornar um norte de identificação de quem consome, preenchendo, assim, o imaginário coletivo.

Jean Wyllys, portanto, assumiu uma posição que personificou a esperança de um Brasil melhor e serviu como um termômetro da sociedade para entender como ela lidaria com seus próprios preconceitos. Primeiro intelectual a participar do BBB, o professor foi pivô do grande racha que dividiu a casa logo na primeira semana de programa. Suas qualidades de líder — costumava comandar as compras e a produção na cozinha — além da boa relação com as mulheres - deixaram o participante Rogério e seus aliados (“PA” e Giulliano) incomodados. Os três arquitetaram a indicação do baiano para o primeiro paredão. Magoado por ter recebido seis votos, Jean assumiu publicamente ser gay e disse estar sendo vítima do preconceito dos outros BBBs. Em uma virada surpreendente (até o início do episódio de eliminação as pesquisas informais apontavam que era sua oponente, Juliana, quem venceria aquele confronto), Jean derrotou a estudante pela apertada diferença de menos de um ponto percentual.

⁵ Quando dois ou mais participantes disputam a preferência do público para permanecer no jogo.



Figura 2 - Rogério Padovan, algoz de Jean Wyllys (Google Imagens)

O que se deu em seguida foi entendido pelo público como uma “perseguição a um herói”. Jean era nordestino, pobre, gay, mas inteligente, ético e maduro. Ao “Dr. Gê”, como era chamado o participante Rogério, coube o papel de vilão da edição, resultando em uma eliminação histórica com 92% dos votos⁶. Naquele momento, o apresentador do programa, Pedro Bial, usou uma citação do poeta e dramaturgo romano, Terêncio, para evidenciar que o espectador tinha enxergado injustiça sobre a perseguição que se deu sobre o grupo do baiano no programa. Wyllys provou-se, então, merecedor do prêmio final porque mostrou sua história: venceu a pobreza com esforço, estudando e tornou-se uma espécie de herói brasileiro. A despeito disso, Pena (2002, p. 150) considera:

O reconhecimento do povo, que leva o herói à glória, também fixa sua imagem mitificadora, diferenciando-o dos meros mortais. Talvez por isso, tantos políticos, artistas e outros habitantes (ou não) do espaço público contemporâneo tentem construir imagens de heróis em torno de suas vidas. Mas se não é possível estar em um enredo de Homero, talvez seja mais simples escrever a própria história, produzindo uma autobiografia. E é claro que os arquétipos do herói estarão presentes na narrativa. Afinal, se o indivíduo se dispôs a escrever a própria história, sua existência só pode ter sido excepcional.

⁶ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tc1sNyfW6vY> | Acesso em 09/01/18

Jean passou por seis paredões e venceu todos, foi à final com a modelo e miss Grazielli Massafera e levou para casa o prêmio de R\$1 milhão. Assim, ao eleger Jean Wyllys como o mito, o herói, o espectador participou diretamente da teia de significações e conexões que fomentam a realidade, mesmo que ela seja simulada. E neste ambiente isso pouco importa, principalmente se, amparados por Goffman (1983), entendermos que o indivíduo não possui um “eu” genuíno, porém diferentes formas de se apresentar, dependendo do palco e plateia destinado a ele.

Após vencer o programa e cumprir contrato publicitário com a emissora Rede Globo por um ano, Jean desvinculou sua imagem da mídia para voltar aos estudos e projetar novos passos na sua carreira e, mais tarde, se tornar um dos representantes políticos de maior atuação e prestígio da comunidade LGBTs brasileira.

1.3 O JEAN WYLLYS POLÍTICO

Jean Wyllys sempre foi político. Mesmo quando ainda não era deputado federal, era político. Seu ingresso prematuro às pastorais da Juventude Estudantil e da Juventude do Meio Popular, ainda na adolescência, revelavam uma voz que desejava representar. E assim o fez enquanto estudante, jornalista, professor e, até mesmo, celebridade. Seu entendimento social e humano o conduziram à porta da política de forma muito orgânica, conforme o mesmo revela em seu livro ao relatar sua consciência e necessidade de ser uma voz mais ampla na luta pelos direitos humanos (2014, p.49).

Sua aproximação e filiação ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) se deu através da ex-senadora de Alagoas, Heloísa Helena, que o alertou sobre a descrença do povo brasileiro na política atual e da necessidade de novos sujeitos que exalassem senso de justiça social. Ali estava, portanto, a oportunidade de colaborar com a democracia e participar do debate social como cidadão, trabalhador e agente social em um espaço onde são travados os embates que resultam em leis que contemplam o conjunto.

Morando no estado do Rio de Janeiro desde sua participação no BBB, em 2005, Jean Wyllys se filiou ao PSOL e se candidatou a deputado federal pelo estado carioca em 2011, seis anos após sua participação no programa. Durante a campanha, porém, Wyllys recusou seu *status* de celebridade e, embora pudesse, não usou de sua projeção midiática para construir sua candidatura. Apesar de ter ficado famoso no *reality show*, o nome do programa sequer foi citado

pelo baiano em panfletos e nos breves sete segundos a que tinha direito na propaganda eleitoral de seu partido na televisão.

Em entrevistas concedidas à época⁷, Wyllys relevou que tomou essa decisão porque queria se candidatar enquanto cidadão, não celebridade. A escolha, embora soasse ética, tornou sua campanha mais difícil e o professor baiano recebeu apenas 13 mil votos, 0,16% dos válidos. Apesar disso, a legenda do PSOL conseguiu duas vagas pelo Estado graças à votação expressiva do deputado Chico Alencar, reeleito com 240 mil dos 320 mil votos que o partido recebeu no Rio. Jean, então, assumiu seu primeiro mandato sob a proposta de lutar pelos direitos humanos, pela liberdade religiosa, pela ética pública e pelos direitos da comunidade LGBT.

1.3.1 Posicionamento, atuação e reconhecimento

A eclosão da internet no final do século XX trouxe à tona a individualidade do sujeito e colocou em segundo plano a universalização coletiva do ser. Abrimos nossos diários íntimos e os transformamos em vitrines públicas à vista de todos, criamos conexões com o mundo e mergulhamos em um mar de informações infinito. A liberdade de expressão catapultou a visibilidade do indivíduo e provocou a exposição massiva de opiniões, afinal, ao abrir o *Facebook*, por exemplo, nos deparamos com a instrução “escreva aqui o que você está pensando”. É um chamado que busca inserir o sujeito no protagonismo dos fatos, emergindo, assim, o ordinário e destacando o cotidiano do comum.

Observando a inserção do indivíduo no cotidiano pós-moderno, encontramos imensuráveis exemplos de sujeitos que transpõem as barreiras midiáticas das quais surgiram e atingem outras plataformas, onde ganham voz e notoriedade na sociedade. Paula Sibilia (2008, p.15): explica como se dá esse processo de auto projeção:

Nas últimas décadas, a sociedade ocidental tem atravessado um turbulento processo de transformações, que atinge todos os âmbitos e leva até a insinuar uma verdadeira ruptura em direção a um novo horizonte. Não se trata apenas da internet e seus universos virtuais para a interação multimídia. São inúmeros indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história; [...] Uma transição de um mundo para outro: daquela formação histórica ancorada no capitalismo industrial para outro tipo de organização social, que começou a se delinear nas últimas décadas.

A publicização do privado e a privatização dos espaços públicos derrubaram a sociedade disciplinar do século XIX, midiaticizando, assim, os sujeitos. Esta sociedade é tratada por Sodré

⁷ Ver em: <https://goo.gl/wDahra> | Acesso em 10/01/2018

(2006) como um novo espaço onde os sujeitos sociais interagem com as novas e tradicionais formas de representação da realidade, provocando uma nova ordem cultural que altera o cotidiano através do intenso consumo de tecnologias. Estamos universalmente conectados e somos capaz de contribuir com toda e qualquer questão que chegue em nosso *feed*.

Por ser um espaço teoricamente democrático, as redes sociais produzem força contra hegemônica na luta pela representatividade social. Historicamente, as vozes que dão amplitude a questões sociais são marginalizadas pela grande mídia e encontram nesse espaço um caminho de projeção e diálogo. É o caso do objeto desta pesquisa, Jean Wyllys.

Em sua página oficial⁸, Jean Wyllys é apresentado como um militante que combate “a homofobia, a intolerância e o fundamentalismo religiosos, o trabalho escravo, a exploração sexual de crianças e adolescentes e as violências contra a mulher”. Analiticamente, percebemos que Jean tenta transcender sua condição de celebridade para dar vazão à condição de agente social que pauta as reivindicações supracitadas. Embora tente construir esta distinção entre o Jean BBB e o Jean político, ambas as personas são afetadas por um mesmo processo de midiaticização.

Wyllys levanta questões antigas, mas que só nos últimos anos ganharam espaço para serem discutidas e repensadas. Seja pela luta contra o racismo, machismo, misoginia ou homofobia, a amplitude que o ex-bbb provoca abre espaço para ressignificar o imaginário social. Logo, é possível politizar a essência dessas lutas sociais e a vontade motivacional que surgem delas.

Considerando a projeção de Jean Wyllys, possível primeiramente pelo seu lançamento no entretenimento, começamos a entender como se dá a conversão da identidade midiática. No caso do nosso alvo de pesquisa, o deputado Wyllys, percebemos como ele ocupa, enquanto agente, o espaço conquistado na mídia e propõe discussões argumentativas para a construção de um debate democrático.

Quando se filiou ao PSOL e se candidatou ao cargo de deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jean Wyllys saiu da zona de celebridade emergente e embarcou em uma posição de agente social disposto a dar voz às necessidades daqueles a quem representava. Com uma votação considerada expressiva para um ex-BBB (considerando outros que tentaram e falharam⁹), Wyllys foi eleito e se viu diante de uma árdua missão: desconstruir o imaginário

⁸ Ver em: <http://jeanwyllys.com.br/wp/bio> | Acesso em 29/05/17

⁹ 15 ex-‘BBBs’ que tentaram carreira na política. Disponível em: <https://glo.bo/2LvINPE> Acesso em: 30/05/2017

social. Primeiramente sobre o fato dele ser gay, mas não corresponder aos estereótipos pré-estabelecidos pela sociedade para alguém como ele, conforme confirma o deputado em entrevista ao site de notícias Público¹⁰:

Se eu fosse uma caricatura do homossexual — o estereótipo da bicha louca, risível, afetada -, se eu fosse o cara que usasse um fato colorido, eu não seria um problema. Antes de mim, nós tivemos um homossexual assumido na Câmara dos Deputados, Clodovil Hernandez. Que era um estilista, um cara que ganhou notoriedade porque desenhava vestidos de noivas num programa chamado TV Mulher. Ele estava dentro do que a sociedade da dominação masculina reservou como universo feminino: o espaço privado, das tarefas domésticas, da moda, das artes. Se eu correspondesse a essa caricatura, eu não seria tão combatido. Porque Clodovil não era combatido. Ao contrário, a figura dele é hoje evocada pelos conservadores e pela direita brasileira para comparar com a minha imagem. Homossexual de verdade, para eles, é aquele que, quando expressa publicamente a sua homossexualidade, é para servir ao riso, ao deboche, não para reivindicar a igualdade, não para reivindicar orgulho (WYLLYS, Jean, 2016).

Jean Wyllys surge como o guerreiro que luta contra as instituições que operam para manter uma ordem social e sexual restrita, não inclusiva e contrária às liberdades individuais. Seu discurso articula espaços de resistência política e cultural e funciona como enfrentamento aos mitos sociais. Mitos esses que constituem a cultura, justificam e instituem seus sujeitos, produzindo significados, imaginários, mentalidades, visões e ideologias que escorrem dos aspectos religiosos e atingem outros níveis da sociedade, conforme estabelece Sorel (1992, p.115), quando diz que mitos são "conjuntos de imagens capazes de evocar em bloco e somente pela intuição, antes de qualquer análise refletida, a massa dos sentimentos".

Jean Wyllys representa, portanto, a invasão de um espaço de poder destinado a homens brancos, heterossexuais e da elite. Sua eleição rompe um paradigma arcaico e patriarcal de representatividade política. O sistema burguês que vigora na política não permite o desenvolvimento de ideias tão “esquerdas” que causam desconforto no que já é definido, tradicional. E Wyllys cumpre este papel: veste as pautas rejeitadas, que causam incômodo no imaginário social. O deputado reivindica direitos e deveres que sequer eram pensados há 20, 30

¹⁰ A solidão de Jean Wyllys num país homofóbico. Disponível em: <http://bit.ly/2LZkFRC> Acesso em 30/05/2017

anos no sistema político brasileiro. Descriminalização da maconha, regulamentação da prostituição, direito ao nome social para transexuais ou discussão de gênero na escola, todos os temas são feridas abertas na pele neoliberal do social e tornam Jean Wyllys um alvo fácil para discursos fundamentalistas que defendem a “moral normativa”.

Dentre os temas abordados por Jean Wyllys, destacam-se projetos de leis ¹¹a favor das cotas raciais, união civil de pessoas do mesmo sexo, descriminalização das drogas, legalização do aborto. O deputado também se articula contra projetos que visam a privatização de estatais, pena de morte, redução da maioridade penal e intervenção militar.

O discurso e as pautas de Jean Wyllys servem como instrumento legitimador do biopoder. É através dele que enxergamos os efeitos positivos - e negativos, olhando para os seus antagonistas - do poder, a inserção da subjetividade e empatia social à agenda de poder. A atuação de Jean pode ser vista sobre a óptica do enfrentamento ao controle pré-estabelecido pelas heranças sociais e culturais através da articulação de políticas e debates públicos que asseguram a manutenção do direito, sobretudo do direito humano. São rupturas causadas no poder hegemônico que provocam efeitos no biopoder e no corpo social.

Em contrapartida, sua atuação é reconhecida por aqueles os quais entrega representatividade. Em 2012 e 2015 ¹²Jean Wyllys foi eleito o melhor deputado federal do país por voto popular no prêmio Congresso em Foco. O deputado também foi incluído, em 2016, na lista das 50 personalidades globais que atuam pelas causas da diversidade de gênero e raça, segundo a revista britânica *The Economist*. A publicação ¹³lembra a trajetória de Wyllys, citando sua infância pobre e sua vitória na primeira edição do Big Brother Brasil e, cinco anos mais tarde, tornou-se o primeiro deputado federal a fazer campanha para o movimento LGBTs no Brasil. Em sua segunda eleição, em 2014, Jean Wyllys recebeu 10 vezes mais o número de votos que em seu primeiro mandato, sendo eleito diretamente com mais de 144 mil votos.

1.3.2 Imaginário social hegemônico e caminhos alternativos

É no imaginário social que “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro...O imaginário social é constituído e expresso por ideologias e utopias ...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos” (Carvalho,

¹¹ Projetos de lei propostos por Wyllys. Ver em: <http://jeanwyllys.com.br/wp/projetos-de-lei> | Acesso em 29/05/17

¹² Ver em: <https://goo.gl/WNLQdA> | Acesso em 10/01/2018

¹³ Ver em: <https://goo.gl/umFYAq> | Acesso em 10/01/2018

1987, p. 11). Este é composto de relações imagéticas que se estruturam como memória afetiva e social de uma cultura. Falamos, então, de uma produção coletiva que guia as aspirações, medos e referências de uma nação. É através do imaginário social que os indivíduos organizam uma estrutura simbólica preenchida de paradigmas que são direcionados a determinados grupos dentro da sociedade, formando, assim, a ideia de senso comum.

Há, no imaginário social, a atribuição de um sentido, uma lógica, que constrói a acepção de integração social, manifestada por símbolos. Embora siga uma lógica própria de individualidade do sujeito, está inserido na sociedade e é fator condicionante, conforme propõe Bourdieu (1998), quando analisa a religião, por exemplo, como um sistema simbólico que compõe o imaginário social e que se firma nas sociedades homogêneas. Embora falemos hoje de uma sociedade moderna e complexa, ele funciona como uma orientação do cotidiano na vida do indivíduo.

Gramsci (2002) nos orienta a respeito dos jogos de consenso que atravessam a produção simbólica e confrontam o imaginário social no embate de sentido e poder da contemporaneidade quando elucida que a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe sobre as outras. Para o autor, a hegemonia de uma classe é obtida através de embates que vão além da questão econômica e política, perpassando por elementos éticos-culturais. Não é, portanto, uma coerção simples, já que leva em conta a direção cultural e o consentimento social a uma série de regras e normas morais.

Quando analisamos as tensões sociais adentramos no campo das batalhas ideológicas findadas na hegemonia social e política (Moraes, 2002). O imaginário social estrutura-se, assim, na identidade de princípios, com os blocos de sentido, e alcança um consenso ordenador das relações sociais. No Brasil, há uma dominância patriarcal nos espaços de voz que dão margem à representação social, ou à falta dela.

Na Câmara Federal, por exemplo, dos 513 deputados federais brasileiros eleitos em 2014 (última eleição da categoria até a finalização deste estudo), apenas 36 se elegeram atingindo o quociente eleitoral, que é o número de votos equivalente a uma cadeira no parlamento para cada estado. Os outros 477 parlamentares foram “puxados” por candidatos com votações mais expressivas e em alguns estados nenhum candidato atingiu o quociente. As diferenças aumentam com lentes mais específicas: 51% da população brasileira é composto por

mulheres¹⁴, mas essas são apenas 10% no Congresso Nacional¹⁵. O mesmo acontece quando olhamos para as estatísticas étnicas: 52% dos brasileiros se declaram negros ou pardos¹⁶, mas apenas 20% dos deputados são negros¹⁷. Os empresários e ruralistas ocupam 70% das cadeiras na Câmara, o que restringe, ainda mais, a representatividade social.

Este quadro parlamentar "representativo" é, segundo Bourdieu (1997), uma perspectiva simbólica que resulta em um poder que impõe significações à sociedade. É, em outras palavras, uma manutenção de um poder mascarado nas relações culturais e que se infiltra no imaginário social, nos dando concepções hegemônicas do mundo. Assim, Jean Wyllys surge como uma alternativa para quebrar, ou reestruturar, a dominação masculina, tão sobreposta no nosso inconsciente e nas formas mais simples de organização do pensamento e da linguagem.

É, principalmente, na internet, que o deputado encontra sua voz para essa luta contra hegemônica, já que não lhe cabe protagonismo ideológico nos meios de comunicação de massa. Quando os canais tradicionais de representação não abarcam, ou abarcam muito pouco, referências de organizações de trabalhadores, movimentos sociais e associações civis, declinamos na representação política e social.

Com o advento tecnológico, que permite novos mecanismos de busca e informação, a inclinação à participação popular e inclusão de amplos segmentos tende a ser maior. Aqui, nos encaminhamos à percepção de que sem a participação ativa das classes consideradas minorias este quadro representa a hegemonia de uma fração da classe dos capitalistas sobre todas as demais frações por intermédio do Estado, que reflete diretamente na construção ideológica social de massa. É o que argumenta Lévy (2003, p. 31), conforme citado por Mezzaroba (2008, p. 48), ao atribuir o nome de ciberdemocracia a este fenômeno:

Com o surgimento do ciberespaço ampliou-se o significado da expressão liberdade, tanto no plano individual como no coletivo, por sua vez as comunicações e a interdependência entre as pessoas ficaram mais rápidas e acessíveis. O homem passou a dispor de tecnologias sofisticadas e ágeis para expor suas ideias e se comunicar com o mundo virtual. Essa troca de informações no mundo globalizado possibilitou que se formassem infinitas comunidades virtuais que passaram a interagir de acordo com suas afinidades de pensamento e sonhos de mundo.

¹⁴ Fonte: IBGE 2010 <http://goo.gl/MEAbe6>

¹⁵ Fonte: Câmara dos Deputados <http://goo.gl/aKvRJF>

¹⁶ Fonte: IBGE 2010 <http://goo.gl/XU67oj> | Acesso em 15/08/2017

¹⁷ Fonte: Folha de SP 2014 <http://goo.gl/6wUdsh> | Acesso em 15/08/2017

Desde que assumiu seu mandato, o deputado teve sua imagem relacionada a inúmeras acusações que tentam desqualificar, a todo preço, o seu discurso e atuação. Jean já foi apontado por relacionar evangélicos a palhaços¹⁸, afirmar que deputados ganham pouco¹⁹, defender a pedofilia, zoofilia e o ensino islâmico nas escolas públicas. Quando participou da CPI do genocídio, por exemplo, Jean discursou sobre o imaginário impregnado nos agentes das forças de segurança de que a juventude negra é potencialmente mais perigosa. Em uma edição amadora e anônima, Jean passa a ser, em seu discurso, racista e o vídeo com o trecho "uma pessoa negra e pobre é potencialmente mais perigosa. É mais perigosa que uma pessoa branca de classe média"²⁰ é viralizado nas redes sociais e blogs de opinião em uma tentativa de “desmascarar” o comunista gay e racista, como é chamado em diversos comentários do vídeo.

Sem ter espaço na grande mídia para desarticular tais acusações, Jean Wyllys recorre à voz universal do século XXI: a internet. É nela que Jean encontra refúgio para expor suas versões, ideias, explicações e articular seu discurso de forma que atinja tantas quantas camadas sociais possíveis. E é nela também que o parlamentar esbarra naqueles que apoiam o seu discurso, suas pautas e sua atuação. Em vídeo publicado em sua página oficial, em maio de 2015²¹, o deputado escancara as manobras midiáticas feitas em torno de sua declaração, evidenciando a fragilidade do ciberespaço ser uma terra “sem leis”, onde todos têm liberdade de expressão e poder de alcance público.

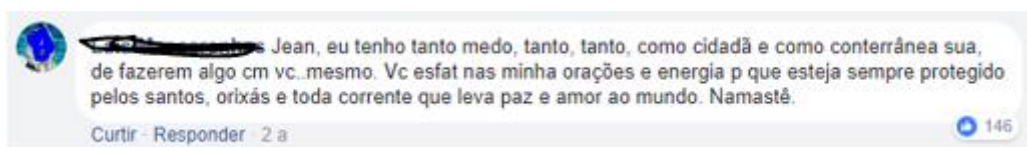


Figura 3 - Usuário do Facebook manifesta sua indignação no post de Jean Wyllys (acervo pessoal do autor)

¹⁸ Ver em: <https://goo.gl/b82gyU> | Acesso em 30/05/17

¹⁹ Ver em: <https://goo.gl/icfNN2> | Acesso em 30/05/17

²⁰ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=GB82IntCT68> | Acesso em 29/05/17

²¹ Ver em: <https://goo.gl/b6YfkT> | Acesso em 30/05/17

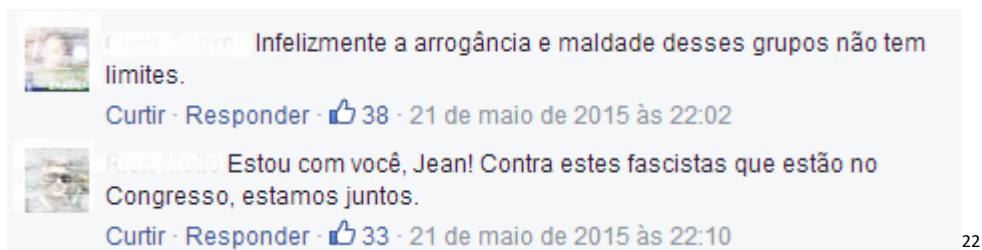


Figura 4 - Apoio a Jean Wyllys (acervo pessoal do autor)

A articulação de Jean nas mídias sociais é vista nas imagens supracitadas: o deputado angaria apoio e revela o descortinamento de uma representação que não faz parte dos grupos homogêneos, mas é legítima. O parlamentar tem mais de 1 milhão de seguidores em sua página oficial do Facebook²³, o que deixa claro que Jean é uma voz autêntica nas camadas sociais, principalmente as mais excluídas, as que ninguém quer representar, as minorias.

O ciberespaço, portanto, se apresenta como articulador de uma diversidade livre em espaços de comunicação aberta. Rejeitado pela mídia massiva, o deputado encontra nas redes sociais a alternativa para projetar suas verdades. É lá que Wyllys vai, majoritariamente, desconstruir mentiras, projetar ideias e tentar atingir novos níveis sociais que integram a rede. Nelas, também, ocorrerão os embates frente aqueles que rejeitam a sua persona, discurso e atuação. É a partir daí, então, que Jean assume identidades múltiplas, conforme veremos no capítulo a seguir.

²² Fonte: <https://goo.gl/85Ed3l>

²³ Ver em: <https://www.facebook.com/jean.wyllys/?fref=ts>. Dados coletados em 02/01/2018

2 SUJEITO PÓS-MODERNO, IDENTIDADE MÚLTIPLA E REPUTAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

2.1 QUEM SOMOS?

Para entender a questão que abre este capítulo, é importante manter distância das vertentes psicológicas em sua reflexão. Aqui, a abordagem direciona para elementos que forjam a auto-identidade. O homem pós-moderno, antes de tudo, distorce as próprias noções de tempo e espaço, criando uma abstração temporal que permite a simultaneidade do ser nos espaços os quais ocupa. Essa elasticidade leva-nos à ideia de que a identidade é modular e não hereditária (Bauman 2001). Os traços genéticos que herdamos dos nossos pais compõem características biológicas, mas não são suficientes para, novamente, responder à pergunta que abre este tópico.

O que o autor polonês chama, de forma muito conveniente, de identidades líquidas, nos dá vazão para pensar que tratamos de culturas e não cultura, no singular, quando pensamos no social. Os imensuráveis significados os quais somos expostos no cotidiano montam, como em um quebra cabeça, os diversos sentidos de quem somos e a que/onde pertencemos. Os fluxos que compõem a identidade de um indivíduo são migratórios e articulam-se a partir das teias sociais de negociação de sentidos.

Assim, as implicações desta cultura fluida permitem a modulação de quem somos a partir do que tomamos como referência existencial. São os produtos culturais que fomentam os insumos necessários para, finalmente, responder o nosso questionamento. Há de se convir, entretanto, que este entendimento aponta apenas o caminho. A compreensão total exige-nos um debruçamento sobre as possibilidades de formatação da própria existência do sujeito pós-moderno. Falamos de parte do processo que re(flexibiliza) as noções do "eu" efêmero, que permitem os jogos de afirmação e representatividade, conforme veremos a seguir.

2.1.1 Noções de identidade

A pós-modernidade, segundo Catanho (2012), caracteriza-se pela troca de bens imateriais, como a informação e os serviços, e pela imposição da mentalidade relativista (quando se declara que nada é absoluto, lógica, ciência, história e moralidade são meramente produtos da experiência e interpretação individual) e revisionista (que repensa os conceitos e alicerces de cunho social, político, histórico, cultural, religioso e de qualquer outra ordem que são jogados na sociedade). O relativismo decorre, inevitavelmente, do antirrealismo pós-moderno. Quando se abre mão de algum referente objetivo (considerado inexistente) perde-se

qualquer critério para avaliação de nossas crenças. Assim, todas ganham igual legitimidade e validação. Já o caráter revisionista se justifica pelo enfraquecimento da memória histórica impulsionado pela sociedade capitalista.

O uso do termo identidade dentro do pós-modernismo se explica facilmente pelo surrado termo “globalização”. Nas sociedades modernas, baseadas no sistema capitalista, de mudança constante, rápida e permanente, as práticas sociais, segundo Hall (2006, p.37-38), “são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, seu caráter”. Segundo McGrew (1992), citado por Hall (2006, p.77) a globalização “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo”, o que tornaria o mundo, tanto em realidade quanto em experiência, mais interconectado. São essas características temporais e espaciais que têm efeito sobre as identidades culturais dos indivíduos.

Hall (2006) acredita que devido à globalização, que não é visto como um processo recente, mas que foi acelerado no final do século XX, três consequências podem ser destacadas em relação às identidades: elas passam a se desintegrar; são reforçadas pela resistência à globalização; novas identidades híbridas estão surgindo.

Para entender melhor a teoria do autor, é importante compreendermos a relação de tempo-espaço proposta em suas obras. Tempo e espaço são as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação, desde escrita, desenho, simbolizações, pinturas, toda arte ou telecomunicação são traduzidas em dimensões temporais e espaciais. Sobre isso, David Harvey (1992, p.240) argumenta:

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações e uma “espaçonave planetária” de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas – e à medida que os horizontes temporais se encurtam até o ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compreensão de nossos mundos espaciais e temporais.

Assim, a narrativa traduz os acontecimentos numa lógica temporal (começo-meio-fim) de tal modo que possamos ver novas relações espaço-tempo sendo definidas em eventos plurais. O elemento espaço-tempo tem diferentes moldagens que agem nas representações com efeitos

profundos nas identidades. Tudo isso acontece no espaço e no tempo simbólicos, é o que Edward Said (1995) chama de geografia imaginária, quando o sujeito tem o senso de “lugar”, de “lar/casa” e de espaço no tempo – passado/presente/futuro. O lugar é, portanto, específico e concreto, sendo o ponto de práticas sociais que moldam as nossas identidades.

2.1.2 Como se faz uma identidade?

Segundo alguns teóricos culturais, como Kenneth Thompson (1992), trazida aqui através das leituras de Hall (2006), a tendência em direção a uma maior interdependência global está causando, em escala integral, a ruptura das identidades culturais fortes e formando novas identidades fragmentadas de códigos culturais, uma pluralidade de estilos, com realce no supérfluo, no flutuante e na diferença. Os fluxos entre os indivíduos e o consumo global, segundo o autor, criam as identidades partilhadas – “como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços e ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens”, entre indivíduos que estão em tempos e espaços diferentes. O autor chama isso de “infiltração cultural”, pois não é possível conservar sua identidade cultural em um universo capitalista e globalizado.

A ideia de que o capitalismo exigiu uma concepção de indivíduos soberanos traz a reflexão acerca da individualidade do sujeito. Há uma grande discussão sobre a forma em que o “eu” é apresentado em diferentes contextos sociais e como esses conflitos de papéis são negociados. Sobre isso, Williams (1969, p.135-136) argumenta:

A emergência de noções de individualidade, no sentido moderno, pode ser relacionada ao colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. No movimento geral contra o feudalismo houve uma nova ênfase na existência pessoal do homem, acima e além de seu lugar e sua função numa rígida sociedade hierárquica. Houve uma ênfase similar no Protestantismo, na relação direta e individual do homem com Deus, em oposição a essa relação mediada pela igreja. Mas foi no final do século XVIII que um novo modo de análise, na lógica e na matemática, que postulou o indivíduo como a entidade maior, a partir da qual outras categorias, especialmente categorias coletivas, eram derivadas.

O autor tenta sintetizar a emersão do sujeito enquanto indivíduo nas práticas dos discursos da modernidade. Seria uma concepção mais social do sujeito, mais “localizado” e definido dentro dessas estruturas. A internalização do exterior do sujeito e a externalização de

seu interior constituiriam a descrição sociológica do sujeito pós-moderno, compreendido na teoria da socialização.

Podemos então pensar na homogeneização das identidades? Para Hall (2006, p.77) “a homogeneização cultural é o grito angustiado daqueles que estão convencidos de que a globalização ameaça solapar as identidades e a ‘unidade’ das culturas”, porém, esta realidade, como é colocada, é exagerada, simplista e unilateral. Mesmo que haja uma tendência em direção à homogeneização, há um forte atrativo pelo diferente e pela comercialização da alteridade. É improvável, portanto, que a globalização destrua identidades locais próprias. Ao invés disso, constrói novas identidades globais que se cruzam com as identidades locais.

O conceito de pós-modernidade, assim, nos liberta do tradicionalismo da ordem social. As transformações envolvidas na modernidade são, tanto em intensidade como em extensão, mais profundas. Favorecem a interconexão social e alteram alguns elementos das nossas experiências cotidianas, permitindo, portanto, a fragmentação, pluralização e deslocamento do “eu”. Para Hall, é nesse período que o sujeito tem capacidades humanas fixas e noção estável de sua própria identidade e lugar. A época pós-moderna traz a centralidade dos discursos e práticas que moldam a sociedade e o sujeito. Sobre isso o autor afirma:

É agora um lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de individualismo, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isso não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era tanto “vívda” quanto “conceitualizada” de forma diferente. (HALL, 2006, p. 17-18).

O que Hall tenta explicar é que as mudanças relacionadas à modernidade desataram o sujeito de seus pilares estáveis nas tradições e nas estruturas. Acreditava-se, portanto, que essas estruturas eram estabelecidas e não caberiam, assim, mudanças fundamentais.

Quanto mais a vida social se torna controlada pelo mercado global de modos, estilos, lugares, imagens midiáticas e sistemas de comunicação interligados, mais as identidades se tornam segregadas de tempos e lugares. É um confronto de diferentes identidades que fazem apelos ao nosso consciente e inconsciente, criando assim a “possibilidade” de escolha.

Pensadores como Freud e Lacan sugerem que a identidade é um elemento formado ao longo da vida do sujeito, através de processos inconscientes e não algo que surge a partir do nascimento. Os autores veem a identidade como algo incompleto, que está sempre em

formação, em andamento, sendo assim o termo “identificação” mais cabível que “identidade”, como confirma Hall (2006, p.29):

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

O argumento de Hall se sustenta na ideia de que o sujeito exista e aja com autonomia sobre a perspectiva que primeiro ele pode se identificar consigo numa ótica mais ampla. Como parte de uma sociedade, de um grupo, estado, classe social, nação, de algum segmento o qual pode dar um nome e reconhecê-lo como parte de si.

Esse sentimento de pertencimento a algo que o torne legítimo faz parte do processo de identificação do sujeito. Quando dizemos “João é negro, alto, forte, trabalhador e pobre” estamos, inconscientemente ou não, levantando determinações sociais que possibilitam identificar João como parte da sociedade e de um grupo específico. As duas últimas classificações, especificamente, não são parte da nossa identidade de nascença, mas representações que adquirimos ao longo da construção da nossa existência.

Esse alargamento do campo das identidades e proliferação de novas posições de identidade é um efeito direto da globalização cultural que atinge a história da sociedade. Robins (1991), citado por Hall (2006, p.84) põe em jogo a fragilidade dessas identidades ao questionar a problemática dessa categoria. “É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral?”. Baseado no que discutimos até aqui, pensar em uma identidade totalmente integral e “imaculada” é mergulhar em uma realidade que inexistente. Estamos interligados demais para pensarmos ou detectarmos essa identidade que não tenha sofrido, de um modo ou de outro, influência externa, ou até mesmo interna, e modificado suas arestas, criando assim novas ramificações, ou, novas representações de identidades.

É interessante pontuar, neste aspecto, como as identidades simbólicas são formadas a partir do consumo midiático proporcionado pela globalização. Falamos de construção identitária como projeção simbólica, considerando as diferenças entre culturas e identidades sociais, de modo que essas representações permitam diferentes construções do eu, do ser e do estar no mundo. O efeito globalizante, na sua concretização, dirige os processos culturais e

identitários, colocando-os sobre suas projeções: o real, vivenciado pelos indivíduos, e a representação tais quais seus valores simbólicos, com implicações sólidas nas realidades das sociedades envolvidas.

Pensar em identidade no contexto pós-moderno requer romper a relação direta que o termo tem com o nascimento de um indivíduo. Para entendermos esses sujeitos, precisamos ir além de certidões e documentos que - dentro da perspectiva aqui pesquisada - não passam de categorização numérica que viabiliza a participação social de uma pessoa. Falamos, novamente, de identidade como um construto infinito e mutável fomentados sobre a modernidade líquida já discutida por Bauman (2001). Por vivermos em um mundo fluido, a identidade faz parte das marcações cotidianas das experiências sociais, culturais, econômicas, ideológicas e midiáticas de um sujeito. A flexibilidade de quem podemos ser nos possibilita tratar de identidade como uma produção simbólica de sentido. Simbólica porque não está registrado em documentos ou no DNA, já que são montagens que fazemos a partir daquilo que absorvemos e projetamos.

E, neste sentido, talvez não haja campo mais fértil para projeções simbólicas que nas redes sociais. Destinadas a relações que há muito romperam o virtual - unificando *one off* -, as redes sociais possibilitam a projeção subjetiva e agrupamento a partir das afinidades ali expressadas. É a idealização do sentimento de pertencimento a partir de gostos mútuos que se complementam ou se repelem. Sobre este agrupamento, Nóbrega (2010, p.97) pontua:

Pertencer a uma determinada comunidade virtual é compartilhar um mesmo território, os mesmos sentimentos e impressões. É exibir-se da forma que se achar mais conveniente, carregando consigo a segurança de ter ao lado várias outras pessoas que pensam da mesma forma e que assim reforçam o ideal de grupo.

A fomentação dessas identidades, portanto, acontece em um espaço simbólico. Os diversos elementos que constituem um sujeito presente nas redes sociais são formas de representação através da publicização do eu. Embora não possamos julgar a autenticidade de uma projeção identitária em rede, é evidente que se trata de um processo teatral ensaiado pela auto representação, já que “toda construção identitária é comunicada ao mundo e aos outros sob a forma de representação” (Nóbrega, 2010, p. 99)

Os canais de comunicação virtual, que utilizamos diariamente como extensão de quem somos, são espaços metafísicos concebidos por laços afetivos de aproximação. Muito além da

liberdade de expressão, a internet ofereceu ao homem pós-moderno recursos para se auto afirmar nas malhas virtuais e causar implicações reais em sua identidade.

Há, porém, que se pensar nos nós que estas identidades simbólicas provocam. Indivíduos afins tendem a se aglomerar em virtude de suas ideologias e perspectivas e fazer oposição ao "eles", o outro lado. É aí que há, de acordo com Woodward (via SILVA, 2007), um desequilíbrio de poder causado pelas relações de oposição binária. A necessidade de identificar-se com um grupo desloca o ego individual para o ego comunidade, construindo, assim, relações de poder e discursos de afirmação.

É, em outras palavras, perceber que, embora o sentimento de validação e autenticidade da própria subjetividade seja latente, o indivíduo tende a direcionar sua individualidade em função dos nós os quais faz parte, levando-nos ao entendimento que este espaço é guiado pelo inconsciente, que refuta o título de célula mãe da família e projeta sua importância nas tribos que constituem sua identidade.

Se, como vimos, toda e qualquer identidade é um construto simbólico, não cabe dúvidas acerca de sua autenticidade e veracidade. No mundo digital, os símbolos que envolvem os sujeitos fomentam as suas identidades baseadas em discursos representativos apropriados por esses indivíduos e impressos em seu DNA digital.

2.2 IDENTIDADE E RELAÇÕES SIMBÓLICAS

Vimos, até aqui, que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Entendemos, assim, que a representação, enquanto processo cultural, e os sistemas simbólicos possibilitam a emergência de identidades individuais e coletivas e ajudam a responder perguntas como “quem sou eu?”. São discursos que articulam as posições e falas dos sujeitos. A identidade é discutida, geralmente, sobre dois eixos: histórico e biológico. O resgate do passado e as verdades biológicas funcionam como estrutura argumentativa em uma disputa simbólica ou social.

A luta para afirmar as diferentes identidades tem consequências sociais, culturais, econômicas e – até – materiais. A identidade, muitas vezes, é reivindicada através do contexto histórico, mas a busca resulta na criação de novas identidades. Na marcação simbólica, damos

sentido a práticas e relações sociais, criando a diferenciação social como, por exemplo, os excluídos e incluídos de um sistema, conforme reforça-nos Woodward (2000, p.17):

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

Este jogo de disputa é, portanto, relacional: só existe se houver uma outra identidade que seja oposta a ela, para negá-la e, assim, legitimar a si mesmo. A identidade é marcada pela diferença, produto das experiências e do cotidiano. Pensemos nela no seguinte esquema: Identidade> produção> consumo> regulação> representação> identidade.

Esta nova percepção e experiência acerca da identidade é possível, a princípio, pelo fenômeno da globalização, como já apontado anteriormente. Bem mais que questões econômicas e estruturais, são os processos culturais que transbordam os conceitos de quem somos. Pensemos, então, que esta cultura globalizada conduz a reconfiguração das individualidades de cada cultura local, rompendo os limites de espaço-tempo e permitindo que o "eu" seja visto e compartilhado em todo o mundo (GIOIELLI, 2005).

A fluidez dos espaços digitais os quais os indivíduos demarcam sua existência permite a projeção de informações e estilo de vida global, estimulando uma nova perspectiva de espaço. Embora não seja possível construir uma visão tridimensional, o ciberespaço oferece-nos recursos imagéticos que sustentam uma nova dimensão local: a do pertencimento. Para Lemos (2000), a ausência ou inexistência de um lugar não implica nos efeitos reais que um sistema de representação simbólico provoca sobre o social. Santaella (2013) chama este estar "on" e "off" ao mesmo tempo de ubiquidade, levando-nos à crença de que estamos em todos os lugares ao mesmo tempo. Tudo isso é mediado pela tecnologia a qual interagimos diariamente, circulando dados e negociações afetivas, formando comunidades, afinidades, discursos e, por fim, a própria identidade.

É na internet, nas redes sociais, que chegamos à grande chave deste capítulo: as identidades não são, elas se constituem. São fragmentos evocados e manifestados circunstancialmente conforme os jogos sociais os quais nos submetemos. É a cultura, local e global, quem media este jogo e, sendo ela dinâmica, está destinada à mudança, bem como a própria identidade. Gioielli (2005, p. 12), nos dá sinais de que a identidade não é palpável, mas

articula-se sobre um sentido imaginado e ganha formas de acordo com o espaço-tempo o qual se encontra, desfazendo-se posteriormente:

A identidade que pode ser rompida, a de caráter nacional, por exemplo, não é uma identidade, mas um discurso. Como discurso é que essa falsa identidade pode ser isolada, pode ser vista como uma totalidade, pode ser quebrada, pode fragmentar-se e adequar-se em partes, ou partida, a um novo discurso. Porém, a experimentação da identidade não se fragmenta. Ela simplesmente muda na medida em que passa a ser mediada por uma nova articulação de significados culturais.

O autor nos guia na perspectiva de perceber o sentimento de pertencimento e a identidade não como objetos, mas como uma necessidade humana de re(afirmção). Trata-se de uma necessidade subjetiva presente em cada sujeito humano. Não podemos pensar em um sujeito sem pensar em uma identidade, pois este só é possível se houver a mediação da identidade. A identidade, portanto, só ganha forma, só é percebida, quando vai de encontro à outra e é entendida não como essência, mas "como a forma contingente que esse sujeito é representado diante do outro" (p. 13). É, em suma, o encontro do indivíduo com sua alteridade.

No ciberespaço – nas redes sociais - os sujeitos projetam sua identidade no exato momento em que estabelece uma relação com o outro, formulando e manipulando de acordo com as circunstâncias presentes. Ao se afastar desta alteridade, a identidade escorre e não faz mais sentido, já que não há um confronto, confirmando, assim, o termo pensado mais acima: identidades líquidas. Nas redes, as disputas identitárias ganham intensidade pelo evidente jogo infinito de projeções subjetivas, que nos levam ao desvendamento do nosso objeto de estudo, conforme veremos a seguir.

2.2.1 Identidades políticas e representação

O advento das tecnologias na era da informação estimulou - e ainda estimula - as reconfigurações das relações sociais, culturais, políticas e de outras instâncias. Este processo é responsável pela introdução do sujeito nas pautas do cotidiano. Não só absorvemos informações, mas fazemos parte delas opinando, reivindicando, refutando e espalhando as demandas sociais que nos atingem direta ou indiretamente.

Oriunda da teoria política, a cidadania refere-se, sobretudo, aos direitos e deveres de um indivíduo pertencente ao Estado-nação (Marshall, 2002). É na Grécia antiga, com Aristóteles, que encontraremos as primeiras simulações de conceitos de cidadania e, mais tarde, na Polis

grega²⁴, suas primeiras implicações. Neste período, sua estrutura era moldada sob a perspectiva do homem livre, deixando mulheres, escravos e estrangeiros à parte desse processo. Ter o título de cidadão, à época, garantia, sobretudo, o direito ao debate político.

Ainda que o entendimento de cidadania moderno fuja da primeira percepção grega, é importante lembrar que sua plenitude atual também provém de outras filosofias da Grécia que exaltavam um discurso liberal dos direitos naturais, dos valores de universalidade e igualdade. Com vertentes individuais e coletivas, a cidadania reafirma a dignidade do sujeito ao mesmo tempo em que ratifica o contexto social o qual este indivíduo atua (Glenn, 2000). Pensemos na cidadania sob a pretensão de duas óticas: a primeira é que, de tal modo como se articula, sua base é composta por igualdade, na qual todos os sujeitos sociais estariam em um mesmo estado e usufruiriam de direitos e deveres similares, mesmo que em contextos de realidades diferentes. A segunda, oposta, desenha noções de desigualdade, já que, dentro do processo que define quem é ou não cidadão, há aqueles que são excluídos e não podem gozar dos mesmos direitos. É, em outras palavras, uma dualidade social, conforme nos indica Neves (2010):

[...] a cidadania implica legitimidade e igual integração na sociedade, ou seja, inclusão, mas também participação. Há subjacente uma “ética da participação”, uma vez que, a cidadania é um estatuto ativo e não passivo. O apelo à cidadania pressupõe reciprocamente deveres e obrigações e não apenas direitos. Estando a cidadania sempre ligada a uma ideia social, os direitos exigem um enquadramento para o seu reconhecimento. Este enquadramento social inclui tribunais, escolas, hospitais e parlamentos, requerendo que todos os cidadãos façam o seu papel para o manter.

A cidadania, assim, apelaria diretamente a cada sujeito enquanto ser, independentemente de sua estrutura formativa. Ela implica, portanto, na interação e participação dentro da comunidade a que se pertence.

Para tratarmos de identidades no ciberespaço no contexto político o qual nos propusermos, é preciso pensar, também, em novos conceitos que emergem junto ao advento das tecnologias de comunicação. A ascensão do digital em nossas vidas nos leva ao seguinte questionamento: assim como nossas identidades, seria nossa cidadania também digital? Para não cair em uma armadilha tecnocrata, devemos pensar na cidadania digital como uma evolução da cidadania ou apenas em sua reconfiguração proporcionada por novos recursos e ferramentas

²⁴Período que compreendido do século V ao IV a.C

digitais? A questão é ampla demais para solucionarmos neste tópico, que não tem este foco. É importante não confundirmos a imersão no digital com as possibilidades de vida digital, como o famoso jogo de realidade virtual *Second Life*²⁵, exhaustivamente já discutido em inúmeros estudos sobre projeção da identidade no digital. A questão, aqui, é entender como as amarras do conceito de cidadania escapam para o digital e ganham novas proporções ainda com foco no indivíduo que compõe um Estado-nação.

Sabendo, portanto, que o digital faz parte da extensão do mundo físico, que não podemos mais separar "on" e "off", é preferível falarmos em cidadania na era digital, ou cidadania na sociedade da informação, arrastando, assim, seus conceitos e implicações para novos níveis proporcionados pelo ciberespaço, conforme reforça Neves (2010, p 147):

A Internet permitiu o acesso a um extenso manancial de informação e facilitou uma rápida comunicação (assíncrona e síncrona) a baixo custo. É o símbolo de uma nova Era, a Sociedade da Informação e do Conhecimento, a Sociedade em Rede, entre outras nomenclaturas. Novas dimensões e apropriações de espaço e tempo surgem, pois a mobilidade e a ubiquidade das TIC fazem diminuir constrangimentos espaço/temporais.

Neste sentido, os sujeitos, como partes de um contexto social, tomaram para si as possibilidades do digital e amplificaram os sentidos da cidadania. Trata-se de um instrumento privilegiado e, a princípio, democrático, já que rompe as condições tradicionais de espaço-tempo. E este processo tem ganhado novos níveis de intensificação com a evolução da rede, ubíqua, e da convergência de mídias, presentes cada vez mais no dia a dia dos cidadãos que compõem aquele espaço. São, portanto, novos sistemas de relações entre os indivíduos, que têm o poder de decisão na escolha dos grupos e ideologias das quais quer fazer parte e, bem como, voz para enfrentar os (grupos e ideologias) que se chocam com o seu discurso.

No processo político brasileiro, que elege sujeitos para representar um todo, é comum se deparar com insatisfações que apontam o caráter excludentes dessas normas de representação. Em um sistema no qual apenas 6% dos brasileiros se sentem representados²⁶ pelos políticos em quem votaram, fica clara que a amplitude social do Brasil é complexa demais

²⁵O Second Life é um ambiente virtual e tridimensional que simula em alguns aspectos a vida real e social do ser humano. Ver em: <https://secondlife.com/?lang=pt-BR>

²⁶ Brasileiros não se sentem representados por políticos. Ver em: <https://goo.gl/de28e9> | Acesso em 13/01/2018

para ser canalizada nos atuais organismos de discussão e decisão sociais, tais como legislaturas, comissões e conselhos. Ainda assim, a representatividade é uma questão primordial para a manutenção do bem-estar e afirmação identitária de um indivíduo, conforme aponta Young (2006, p.144):

A representação é necessária porque a rede da vida social moderna freqüentemente vincula a ação de pessoas e instituições num determinado local a processos que se dão em muitos outros locais e instituições. Nenhuma pessoa pode estar presente em todos os organismos deliberativos cujas decisões afetam sua vida, pois eles são numerosos e muito dispersos. Ainda que as expectativas de um cidadão sejam freqüentemente desapontadas, ele espera que outros pensem em situações como a dele e as representem nos respectivos fóruns de discussão.

Precisamos, assim, conceber a representação como um relacionamento entre representante e representado, em uma configuração composta por atores plurais, para chegarmos ao ponto que queremos: as identidades múltiplas de Jean Wyllys.

Jean assume uma posição frágil no espaço que atua: é ele quem abraça, sem vetos, a minoria. Falamos aqui do público LGBTQ, mulheres, negros, índios, pobres, etc. Quando Jean Wyllys dispõe seu corpo de fala para levantar essas bandeiras, ele assume parte dessas identidades, já que não é possível representar um grupo sem que você o compreenda e absorva suas dores e parte de sua essência. É neste ponto que o deputado evidencia a fragmentação identitária, já discutida neste estudo, e fomenta o seu “etos” no desdobramento de outros “eu”, criando laços afetivos e simbólicos e evidenciando uma identidade elástica a partir dos sujeitos ao qual representa.

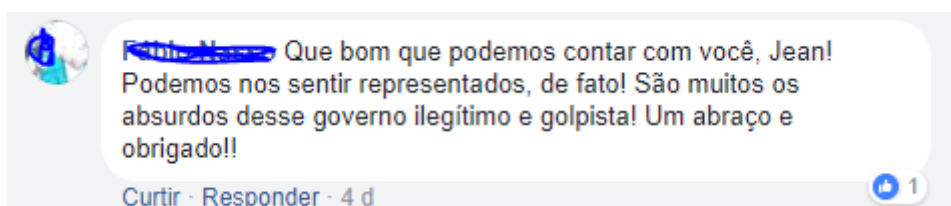


Figura 5- Representatividade legitimada (acervo pessoal do autor)

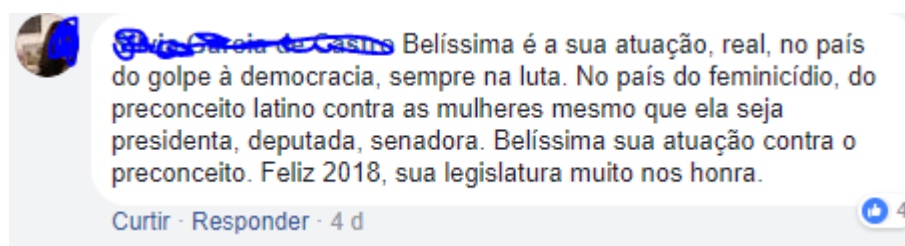


Figura 6 - Jean representa as mulheres (acervo pessoal do autor),

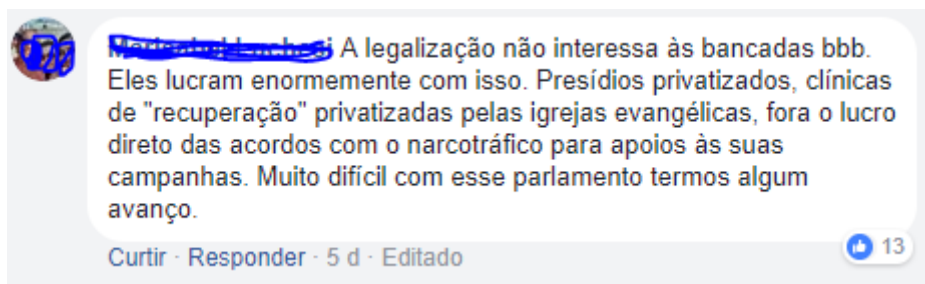


Figura 7 - Usuário manifesta-se a favor da legalização (acervo pessoal do autor)

As imagens acima ilustram bem o que discutimos acerca de representação até aqui. Retiradas da página oficial do deputado no *Facebook*, elas sinalizam as dobras que Jean faz em sua própria identidade para abarcar outros eu, outras feridas. Na figura 5, por exemplo, retirada de uma publicação que relembra a participação de Jean em uma comissão do Mercosul²⁷, ao qual o deputado apresentou uma declaração de repúdio aos ataques do governo Temer contra a fiscalização e punição às empresas que se utilizam de trabalho análogo ao escravo no Brasil, o usuário em questão, que aparece no primeiro comentário do post, revela claramente a projeção que Wyllys assume em cima de questões que não são - diretamente - suas. Ao se posicionar contra as novas leis que flexibilizam o trabalho escravo no Brasil, Jean toma para si uma luta que etnicamente não é sua, mas cumpre o papel de representante político eleito e de voz das minorias, posição a qual sempre evidenciou em seu discurso.

A figura 6 acima disposta é um recorte de uma publicação na qual Jean Wyllys compartilhou o discurso da atriz e apresentadora Oprah Winfrey²⁸ na premiação Globo de Ouro, voltada para televisão e cinema. O discurso de Oprah revela a luta das mulheres contra o assédio sexual na indústria audiovisual. Jean não assume uma posição política ao divulgar o vídeo, mas sua atuação frente aos direitos das mulheres é reconhecida por seus seguidores, conforme evidenciam as palavras da usuária ao expressar o seu sentimento de representatividade frente à atuação política de Jean e denunciar as estruturas misóginas e machistas do Brasil e América Latina. Mais uma vez, este embate específico - o direito das mulheres - não é, biologicamente, de Jean. É mais um esfrelamento de sua identidade que absorve outras lutas e ganha reconhecimento diante daqueles que realmente sofrem as dores de ser mulher em uma sociedade ainda tão patriarcal.

²⁷ Ver em: <https://goo.gl/6fPKJP> | Acesso em 13/01/2018

²⁸ Ver em: <https://goo.gl/FuPVne> | Acesso em 13/01/2018

A imagem seguinte (figura 7), traz um comentário de um usuário da rede social a respeito de uma publicação sobre a legalização da maconha no Brasil. No post²⁹, o deputado federal traz argumentos que sinalizam as vantagens de descriminalizar a cannabis em uma comparação com o estado norte-americano Califórnia, que legalizou recentemente o uso do produto. O discurso de Jean no texto se estrutura no levantamento dos males que a criminalização da maconha causa na sociedade brasileira – em especial a comunidade mais pobre e negra - e na segurança pública. Jean Wyllys já apresentou um projeto de lei ³⁰ para a descriminalização da cannabis no país pois, segundo argumento, a atual guerra às drogas é um fracasso que apenas criminaliza jovens da periferia, produz violência, mortes e marginalização da pobreza.

O comentário do usuário, na figura 7, desconstrói um discurso veementemente difundido nos espaços digitais: o de que só interessa a Jean a descriminalização da maconha. A usuária denuncia o desinteresse das bancadas BBB (Boi, para os deputados ruralistas; Bala, para os parlamentares a favor do armamento; Bíblia, para os deputados evangélicos) e expõe o que seriam os reais motivos para o projeto de Jean não ter sido aprovado. Percebemos aqui que as identificações para com o deputado do PSOL ultrapassam as questões expostas nas figuras anteriores e esbarra em elementos históricos e culturais, como o consumo da cannabis. Em nenhum momento – até onde observamos – Jean se declara como usuário da maconha. Porém, seu entendimento sobre o assunto perpassa as questões físicas e biológicas e batem de frente com as implicações sociais e econômicas da questão.

As implicações da multiplicidade identitária de Jean Wyllys não recaem apenas em reconhecimento de representatividade. Estar diante de um cargo político que projeta sua persona e esbarra em outro é estar ciente que sua atuação vai causar, de um modo ou outro, desconforto no etos de alguém. Estar em uma posição que abraça causas polêmicas ou repudiadas é ter plena convicção disso. Assumir um discurso em prol de diferentes sujeitos o qual representa é, também, assumir um antagonismo diante dos seus opositores. Ao longo dos últimos dois mandatos, o deputado conquistou a empatia daqueles os quais projeta suas dores em discursos e pautas políticas, mas também conquistou inimigos políticos e sociais.

Em uma publicação em setembro de 2017³¹, na qual fala sobre os ataques ao “amor homossexual” pela sociedade, Jean é refutado por um membro do Facebook, que tenta

²⁹ Ver em: <https://goo.gl/8kZzGk> | Acesso em 13/01/2018

³⁰ Ver em: <https://goo.gl/ttZpWX> | Acesso em 13/01/2018

³¹ Ver em: <https://goo.gl/UCYdu2> | Acesso em 22/11/2017

desarticular sua fala através de argumentos que buscam aniquilar a atuação de Jean frente a pautas LGBTs e minimizar a discussão proposta, conforme a figura abaixo.

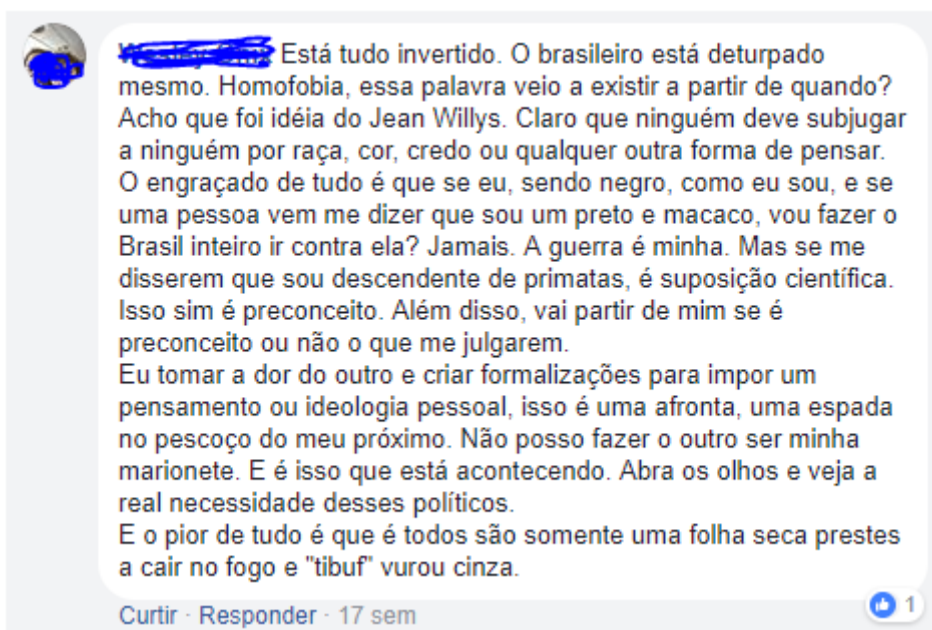


Figura 8 - Usuário contra argumenta homofobia (acervo pessoal do autor)

Assim como os apoiadores (sujeitos que se apropriam simbolicamente da identidade de seu “ídolo”) defendem e espelham, com unhas, dentes e comentários, as atitudes, crenças e comportamentos das pessoas as quais admiram, acontece também o mesmo processo com aqueles que são contrários a essas ideias. Ou seja, essa apropriação de valores socioculturais faz parte do processo de firmação e projeção da identidade, independente se é a favor ou não. No comentário, o usuário questiona, inclusive, a origem da palavra “homofobia”, possivelmente, segundo o mesmo, cunhada por Jean Wyllys. Em uma rápida pesquisa no Google³², é possível descobrir que a origem etimológica da palavra é datada em 1971 pelo psicólogo norte-americano George Weinberg no livro "Sociedade e a saúde do homossexual", portanto, antes mesmo de Wyllys nascer.

O discurso do usuário destacado na figura enverada por um caminho perigoso. Ele tenta individualizar a luta da comunidade LGBT e a compara com a própria luta ao afirmar-se negro, fomentando sua identidade na ideia de que há uma manipulação de ideologias proposta pelo deputado federal. A fala deste sujeito abre precedentes para entendermos como se formam as comunidades e identidades. A identidade, então, é construída a partir de processos linguísticos

³² Ver em: <https://goo.gl/KpfqQf> | Acesso em 23/01/2018

e discursivos no interior das relações de poder. Uma identidade é formada na negociação de crenças, valores e características a partir do outro. Assim se criam as comunidades, reais ou virtuais que, segundo Jenkins (1992, p.213), servem como fuga da realidade e “tenta construir estruturas sociais mais receptivas às diferenças individuais”, onde exista, assim, um ambiente dirigido aos seus desejos particulares e que sejam democráticas e comunitárias em suas operações.

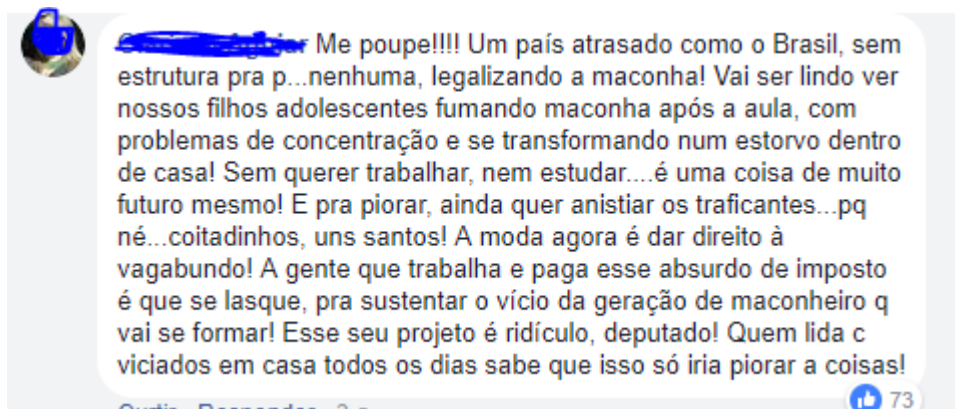


Figura 9 - Usuária opina sobre legalização da maconha (acervo pessoal do autor)

A figura acima, retirada de uma publicação na página do Facebook do deputado, é uma reação a um artigo que Jean compartilho que explica suas convicções para legalização da maconha no Brasil. A usuária constrói seu discurso em cima da indignação que sente frente à proposta do deputado federal. Sua fala nada mais é que um recorte do imaginário social que acredita na guerra às drogas como a melhor solução social. Não podemos aqui fazer juízo de valor, mas a manifestante não deixa claro se leu o artigo que Jean compartilhou. Em redes sociais, como o Facebook, é comum a experiência rasa e precipitada dos participantes. A era da informação exige isso, aprofundar-se em determinados assuntos é um exercício que poucos se dispõe a fazer. O comentário em questão atraiu, até então, 73 curtidas (que induzem a concordância com o discurso) e 35 comentários, que abrem um caminho de disputa identitária: quem tem razão, afinal?

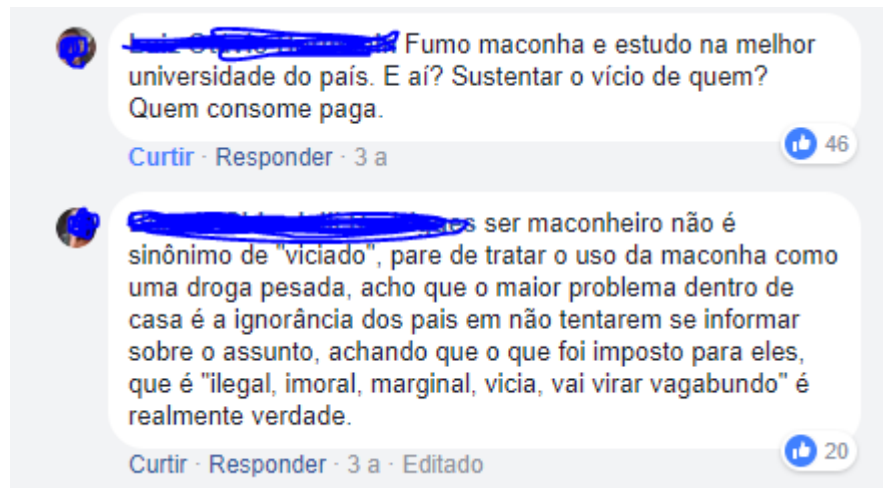


Figura 10 - Disputa pela razão sobre a legalização da maconha (acervo pessoal do autor)

Conforme podemos observar na imagem acima, o comentário embrionário gera reações e mais argumentações. Os participantes acima utilizam de suas subjetividades para contra argumentar e fomentam uma disputa simbólica pela razão. Há, dentro desse espaço, uma disputa que vai além das palavras.

O número de curtidas revela, nas sublinhas, outra disputa: a da popularidade. Nesta batalha, vence não só quem tem o melhor argumento, mas quem consegue angariar o maior número de *likes* em seu comentário, conforme aponta Recuero & Soares (2013, p.252) ao revelar que “a legitimação, ou seja, o suporte e a reprodução acrítica do discurso são modos de perpetuação dos estigmas no *Facebook*. Essas postagens traduzem diferentes níveis de violência simbólica”, que é fomentada a partir da estrutura e do sentido do discurso. É como se cada curtida fosse uma reafirmação de que o sujeito está certo e, mais: de que ele existe. Vemos então a confirmação do que Santos (2014, p.3) postula como a Sociedade do Espetáculo de Guy Debord se mistura à modernidade líquida de Bauman:

Se pensarmos na perspectiva da Sociedade do Espetáculo, conceito proposto há décadas por Guy Debord (1997), a mídia social predominante nestes tempos líquidos se encaixa perfeitamente na ideia de reunir muitos amigos virtuais no *Facebook*. E o espetáculo se completa de acordo com o número de pessoas que curtiram ou compartilharam uma postagem ou uma imagem completando desta forma o perfeito ideal do “aparecer” perante esta sociedade “espetacularmente conectada” a um mundo virtual muito mais interessante e dinâmica do que o mundo real.

A ideia da autora sustenta-se na premissa de que a internet ultrapassou sua função inicial de transmitir dados e transformou-se em uma plataforma de sustentação do eu, de participação, interação e criação, ressignificando assim as relações simbólicas de ser, ter e estar.

A partir dessa necessidade incessante de defender ou acusar um sujeito projetado nas mídias, cria-se uma disputa no universo on-line pelo poder da fala. Os indivíduos travam um duelo de interesses e conhecimentos, projetando sua identidade neste espaço e tentando anular a do outro com argumentos, xingamentos, fatos, pesquisas, ironias e qualquer discurso linguístico que surta um efeito no adversário. Casagrande (2012) elenca as performances dos sujeitos na Web em quatro tipos:

- Performance identitária: quando o discurso de quem fala é destacado por referências e citações de conteúdos geridos da própria internet que confirmam a representação do objeto em questão;
- Performance de demonstração afetiva: quando se destaca os relacionamentos afetivos entre os participantes, solidificando a construção da interação social que beneficia os representantes daquele determinado grupo;
- Performance solidária: espelhado na identificação que se tem com um sujeito, há um apelo para que haja um engajamento na participação de alguma ação conjunta em prol do mesmo indivíduo/ideologia;
- Performance crítica: Esse tipo de intervenção traz para si as dores que deveriam ser do sujeito em questão, gerando, por consequência, disputas simbólicas naquele espaço.

Ao assumirmos, portanto, nossos novos papéis na sociedade do virtual, estamos reproduzindo o que tomamos como nosso, mas que vem da indústria cultural capitalista que nos sustenta. Somos, afinal, reflexos daquilo que consumimos. Somos identidades múltiplas.

Até aqui pudemos, então, observar que a identidade de Jean Wyllys é múltipla e elástica. Ela se consolida na representatividade, bem como esbarra na rejeição. Os polos aqui observados nos levarão à uma outra análise identitária: as identidades lúdicas. São elas, na era digital, as responsáveis por ressignificar sujeitos e objetos, bem como trazer à tona discussões modulares que fogem do convencional.

3 UMA ANÁLISE DA CONTROVÉRSIA

3.1 METODOLOGIA

A evocação de temas considerados feridas sociais faz do nosso objeto de estudo uma personagem intrigante nos sentidos de negociação e articulação do ser no contexto da “sociedade midiaticizada”, nos levando a questionamentos como: quais os espaços que Jean Wyllys ocupa na cultura midiática? Qual a forma e o sentido de suas falas, para quem se dirige, o que representa e quais seus objetivos enquanto agente social?

Cientes que os fenômenos da comunicação são compostos por interações de humanos e não humanos, é interessante para nós, enquanto pesquisadores, nos debruçarmos sobre questões que sempre rondaram o social, mas que tiveram suas arestas modificadas a partir da ascensão do campo midiático digital, remodelado a todo instante pelo surgimento de novos dispositivos de intermediação. Novos desafios, a partir desta perspectiva, nos levam a teorizar novos meios de estruturar diferentes formas de entender um mesmo assunto. Agora, munidos de uma mídia que não é mais unilateral, como formatamos um consenso? Como chegamos à uma conclusão sobre determinado tema?

Para entender este caminho, partimos para o cruzamento de dois caminhos. O primeiro, vem dos estudos de Bruno Latour (2007), trazido aqui pelo viés de Stangl (2016), sobre Cartografia das Controvérsias. Originalmente fundamentada para entender as controvérsias técnicas e científicas, a metodologia tenciona organizar informações de modo que permita a deliberação de diferentes grupos sociais. Aqui, neste estudo, partimos da sua inspiração para entender os embates “culturais” aqui propostos, levando em conta os seus efeitos ontológicos, sem que caiamos na armadilha de reduzi-los a um plano simbólico. Para tal, Stangl (2016, p.181) nos alerta para reconsiderarmos agentes não humanos neste tipo de estudo:

[...] não devemos esquecer que um dos cuidados da Teoria Ator- -Rede é justamente não limitar essas associações apenas aos humanos. Uma Cartografia das Controvérsias “Culturais” também deve olhar para os não humanos envolvidos no debate, sejam eles tecnologias, espécies, locais, práticas, etc. Cartografar as redes que atuam em uma polêmica cultural pode ser uma forma de deslocar nossas caixas-pretas culturais, abrindo novas possibilidades de entendimento sobre pontos que parecem indiscutíveis. A cultura sem aspas, diferentemente da “cultura”, pode ser entendida como um

híbrido que tentamos estabilizar através de preconceitos, cânones, padrões estéticos, bom gosto, identidades, tradições, nacionalismos, etc. Essas seriam algumas das caixas-pretas que podem se abrir quando surgem as controvérsias “culturais”, o que consequentemente explicita a distinção proposta por Cunha entre culturas naturalizadas e “culturas” inventadas.

Os temas que envolvem Wyllys geralmente trazem consigo grandes discussões, mas nem sempre fica claro o que está sendo debatido, o que pode acarretar em distorções. De forma geral, teremos grupos bem definidos “a favor” ou “contra” o que está em campo, como em torcidas de futebol. E será ainda mais comum vermos que não há possibilidade, nesse caso, de se considerar a posição contrária e aceitar o argumento do outro, o que esgotaria a possibilidade racional ou relacional do debate (Stangl, 2016, p.182).

É fundamental termos em mente que, ao trazer o sentido da Cartografia para esta pesquisa, estamos longe de querer fechar um entendimento absoluto sobre tais fenômenos culturais e sociais. Aqui, ela nos trará possibilidades de traçar uma nova rota que vislumbre novos pontos de vistas, fomentando discussões que enriqueçam nosso entendimento acerca das múltiplas identidades de Jean Wyllys, conforme proposto aqui.

Olhemos as redes sociais digitais como um produto de impacto massivo na vida dos indivíduos de condição pós-moderna. Imersos, esses sujeitos fazem parte de um jogo que altera o modo como os corpos ali dispostos se relacionam, constroem e percebem valores, significados e sentidos. É mais que um mero reflexo dentro dessas redes, há uma evidente influência na formação dos grupos que ali circulam (Recuero & Soares, 2013). As autoras constroem suas percepções com base em Boyd (2010) e classificam as principais características desses sujeitos online que refletem na dinâmica de circulação de informações e opiniões, sendo elas (2013, p.242):

a) persistência, ou seja, as informações que são publicadas permanecem online; b) replicabilidade, as informações publicadas são facilmente replicáveis (e de forma idêntica ao original); c) escalabilidade, a difusão de informações pode ser escalada dentro das redes, construindo visibilidade; e d) “buscabilidade”, que é a capacidade dessas informações serem buscáveis nesses espaços.

São essas características que nos ajudam a perceber e entender os impactos de ferramentas como o Facebook no cotidiano dos sujeitos e de seus grupos sociais. Uma vez que um indivíduo uso desse espaço para projetar sua fala, ela torna-se permanente, replicável,

buscável e com visibilidade escalada, de acordo com a situação, conforme veremos mais a frente, quando enxergaremos a presença de audiências invisíveis; o colapso dos contextos (quando há um rompimento na lógica do discurso) e o desprendimento da fronteira entre privado e público, já sinalizado por Sibilia (2008).

Antes de adentrarmos nas controvérsias propriamente ditas, precisamos entender melhor como observar e analisar este campo simbólico. Para tal, nos apoiamos em André Lemos (2013), um dos principais pesquisadores a tentar uma aproximação entre Teoria Ator-Rede (TAR) e a comunicação nos estudos das associações entre humanos e não humanos, que resulta no social. Para Lemos, a Cartografia das Controvérsias nos ajudaria a desenhar um quadro representativo compostos por inúmeros posicionamentos a respeito de um mesmo tema polêmico. Não cabe à Cartografia encontrar um consenso, mas apontar as mediações, transformações e deslocamentos que se instauram na rede e formam as tensões controvérsias. É neste ponto que se revelam as mediações e relações de força dentro dos embates sociais.

A TAR utiliza o termo “caixa preta” para falar de objetos, conceitos, pessoas, instituições ou qualquer outro elemento que já está impregnado no cotidiano social e expõe qualquer questionamento. Seus significados, formas e funcionamento, prós e contras, já estão estabelecidos e fazem parte de um consenso. Em contrapartida, não há consenso na Controvérsia, gerando uma necessidade de convencer os demais grupos a abraçarem alguma ideia proposta.

Na caixa-preta, há uma tendência de visão purificada, sem elementos externos ao assunto. Por exemplo, ao falar de eletricidade, utilizamos basicamente conceitos de física para explicá-la. Nas controvérsias, porém, envolvemos assuntos híbridos advindos de diversas áreas do conhecimento. Ao discutir, por exemplo, a falta de eletricidade de uma determinada região, abarcamos questões de engenharia, economia, política e ambiental que, entrepostos os seus ideais, gerarão conflitos sociais, políticos e/ou científicos.

Cientes que, adotando este método de pesquisa e observação de dados (Cartografia), estamos nos envolvendo diretamente com o que é discutido, ficando, assim, impossibilitada uma neutralidade/imparcialidade enquanto pesquisadores que também compõem a rede que formula tais embates. Também não nos cabe dizer quando uma controvérsia começa ou termina, apenas podemos observar seu desenvolvimento até o fim do conflito (Lemos, 2013).

Para ajudar a entendermos melhor este processo, Stangl (2016, p. 184 e 185) reúne em seu artigo sobre a controvérsia dos rolezinhos³³ um apanhado de conceitos e orientações de autores, como Venturini (2010, 2012), e nos fornece algumas etapas para uma análise precisa envolvendo Cartografia das Controvérsias. Para este estudo, importam as seguintes:

1- Temperatura	Stangl indica que o primeiro passo para uma cartografia é identificar a temperatura da controvérsia. Quanto mais atual for, mais quente e fácil de se encontrar em debates ou discursos nas redes sociais e mais chances de tomar proporções maiores. Se mais antiga, é possível pesquisar em bancos de dados online e físicos.
2- Cronologia	Para facilitar a apuração, o autor sugere a criação de uma cronologia da controvérsia. Amarrar, ponto a ponto, o desenvolvimento dela para, posteriormente, criar algum tipo de classificação, se necessário.
3- Desdobramentos	Identificar as ramificações (subtemas) que a controvérsia gera.
4- Fronteiras	Verificar situações onde a controvérsia possa gerar risco de violência física ou simbólica.
5- Microdiscursos	Uma varredura de frases, comentários, debates e até memes que uma controvérsia pode gerar nas redes sociais
6- Macrodiscursos	Levantamento das principais opiniões na grande mídia ou de formadores de opinião envolvidos ou interessados na controvérsia.

Tabela 1 - Etapas para Cartografia das Controvérsias – adaptação do autor

Somado a este processo, para que possamos entender como funcionam essas controvérsias, precisamos também olhá-las por uma perspectiva que Herring (2004 e 2013) chama de Computer Mediated Discourse Analysis (CMDA) - Análise de Discurso Mediada pelo Computador - que foca, sobretudo, na linguagem e no seu uso nos espaços on-line. A autora desconstrói o método de análise do discurso para encaixá-lo no ambiente digital, o que nos guiará de forma mais adequada na fomentação deste trabalho.

Importa frisamos que a CMDA foge dos moldes tradicionais da análise do discurso a qual estamos academicamente adaptados. Há, claro, uma aproximação com a Análise Crítica do Discurso, mas aqui, dentro da CMDA, ela se torna mais abrangente e flexível para compreender todo o espectro proposto.

³³Estratégias para uma Cartografia de Controvérsias “Culturais”: o caso dos rolezinhos nos jornais e redes digitais Disponível em: <http://bit.ly/2Ljdcj5> | Acesso em: 21/06/2018

Dentro deste método, há quatro níveis de análise: estrutura, sentido, organização da interação e fenômeno social. Junto ao pesquisador, esses níveis serão decodificados e interpretados, resultando em análises em cima dos discursos produzidos em ambientes com diferentes modos, como é o caso de redes sociais como o Facebook. Desta forma, poderemos entender como esses discursos reconfiguram formas simbólicas: de ser, estar e perceber o outro. Com base nessas orientações, podemos partir para uma análise de casos que envolvem nosso objeto de estudo, Jean Wyllys, e repercutem, sobretudo, nas redes digitais, seja sobre posicionamento, ideologia, gosto ou valor. O que importa, enquanto pesquisa, são os tensionamento que envolvem nosso objeto e provocam debates e repercussão, seja por um posicionamento político, um ato como cuspir em outro parlamentar, uma ideologia ou até mesmo estruturas que alimentam um antagonismo entre Wyllys e seus adversários.

Os apontamentos do autor servirão como guia para elencarmos algumas controvérsias envolvendo a figura pública de Jean Wyllys e temas que, frequentemente, são associados a ele. Para isto, usaremos como recorte temporal o processo político que culminou no afastamento da presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016. O impeachment, aprovado no Congresso e Senado Nacional, foi amplamente discutido em todas as plataformas midiáticas, dividiu opiniões em todas as ramificações sociais, causando atrito, embates e, assim, uma absoluta controvérsia. Para não fugirmos do nosso objeto de pesquisa, focaremos em situações que relacionem Jean Wyllys a este momento político: seu discurso e posicionamento pré, durante e após a cassação de Dilma Rousseff. Os recortes aqui destacados servem, também, como evidenciações das identidades do nosso objeto, discutidas anteriormente.

3.1.1 Jean Wyllys pré-impeachment

Em dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), autorizou a abertura do pedido de investigação e votação que culminaria no afastamento da presidente da República, Dilma Rousseff, Jean Wyllys, juntamente com a totalidade do seu partido, o PSOL, se posicionou contrário à decisão por acreditar (e denunciar) que o processo se tratava de um golpe político para contornar os escândalos de corrupção que surgiam. À época, Wyllys se manifestou diversas vezes com discursos críticos que alertavam a população sobre o risco à democracia que o afastamento da presidente poderia gerar. Em

diversos vídeos publicados em suas redes sociais³⁴ e entrevistas concedidas, Jean Wyllys defendia que o impeachment de Dilma nada mais era que uma manobra de políticos corruptos para contornar investigações e punições, já que, para o deputado, não havia fundamentos para a acusação de crime de responsabilidade cometido pela presidente. Além disso, Wyllys também denunciava o fato do processo ser conduzido pelo presidente da Câmara, que, naquele momento, era réu da Justiça investigado por corrupção e lavagem de dinheiro, hoje condenado e preso.

Em entrevista concedida ao site Calle2³⁵, em abril de 2016, Jean Wyllys questionava o processo contra a presidente e reforçava sua inclinação para as minorias ao associar o golpe à elite brasileira e sua supremacia econômica: “as elites querem aproveitar para provocar uma crise de governabilidade, fazer nascer um governo fraco e totalmente dependente delas e impor uma agenda econômica ainda mais neoliberal, com mais ajuste e mais perda de direitos para os trabalhadores”. Na mesma entrevista, o deputado federal se coloca como oposição ao governo de Dilma Rousseff, mas reforça que o que está em jogo é a legitimidade do processo democrático que a elegeu. “Eu sou oposição ao governo Dilma, [...] e sou muito crítico do governo dela, mas eu acredito na democracia. Dilma venceu as eleições e tem mandato até 2018. Não havendo crime de responsabilidade, não há impeachment”.

Claro o posicionamento de Jean Wyllys e a amplitude do assunto (temperatura), partimos para os seus desdobramentos. Durante o período que antecedeu a votação do impeachment, Wyllys projetou seu posicionamento diversas vezes nos espaços que tinha acesso. Desfavorecido pelos grandes veículos de comunicação, que pareciam apoiar o processo, o deputado se fez presente em suas plataformas online para debater, alertar e convocar a população para uma consciência do que estava prestes a acontecer. E, claro, em se tratando de espaços online, onde os sujeitos derramam suas ideologias e opiniões sem dificuldades, são formadas controvérsias que ora legitima, ora questiona e ora anula o discurso e identidade de Jean Wyllys.

O primeiro vídeo³⁶ que elucida isto foi publicado em fevereiro de 2016 na página oficial do deputado. Trata-se de uma coletiva do PSOL que discutia as saídas para a crise política que o Brasil vivia naquele momento. Além de medidas e possíveis propostas, o deputado reforçava também que era contrário à ideia de afastamento da presidente, mesmo se declarando oposição

³⁴ Jean Wyllys denuncia golpe na democracia brasileira | Disponível em: <http://bit.ly/2Lch7hE> | Acesso em 12/04/2017

³⁵ Entrevista de Jean Wyllys ao Calle2. Disponível em: <http://bit.ly/2KUQb70> | Acesso em: 20/06/2017

³⁶ Trecho da coletiva do PSOL. Disponível em: <http://bit.ly/2LhTEbH>. Acesso em: 20/06/2018

à mesma. Com cerca de três mil comentários, a publicação abriu margem para um embate social entre os que consideravam o impeachment como um processo legítimo e os que o vislumbravam como um golpe político e institucional.

Conforme vimos ao longo desta pesquisa, mídias como o Facebook funcionam como catalisadores de opiniões e discussões. Nele, os sujeitos presentes participam veemente dos processos que o compõem e fortalecem a ideia de rede social. Há, evidentemente, uma teia composta por diferentes indivíduos, com diferentes visões de mundo, que convivem no mesmo espaço e articulam suas ideologias a fim de convencer o outrem de que elas são as certas. Neste caso, como veremos, os sujeitos utilizam argumentos, coerentes ou não, certos ou não, para propagar seu pensamento e atingir outras pessoas. É neste momento que, cientes da condição heterogênea social dos que compõem o espaço, surgem os conflitos, as controvérsias.

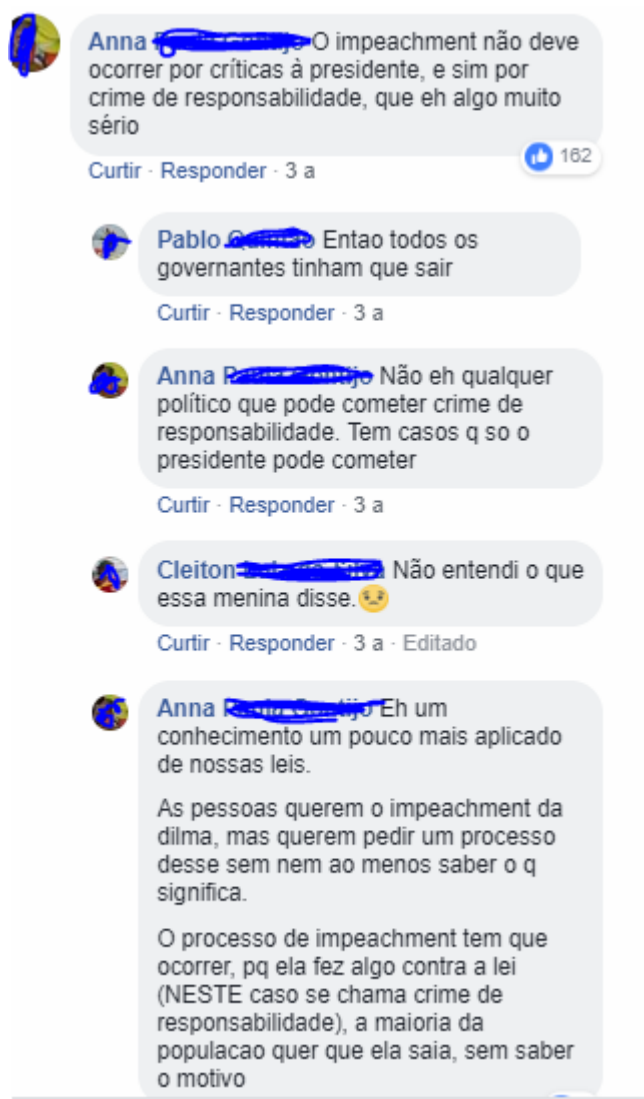


Figura 11 - Seguidor contrário ao afastamento de Dilma - acervo pessoal do autor

A primeira imagem registrada nesta publicação (escolhida por relevância dos próprios algoritmos do Facebook) se trata do posicionamento de uma mulher sobre a discussão. Favorável à fala de Wyllys, Anna Paula inicia um embate sobre a legitimidade do impeachment e tem sua fala refutada por outro sujeito, que acredita que todos os políticos governantes devem ser afastados. O clímax desse conflito, porém, se dá a seguir com o comentário de Cleiton, que se mostra alheio à situação ali discutida. No fim, Anna Paula chama a atenção para o fato da população concordar com um processo que sequer entende, sendo, assim massa de manobra do imaginário social.

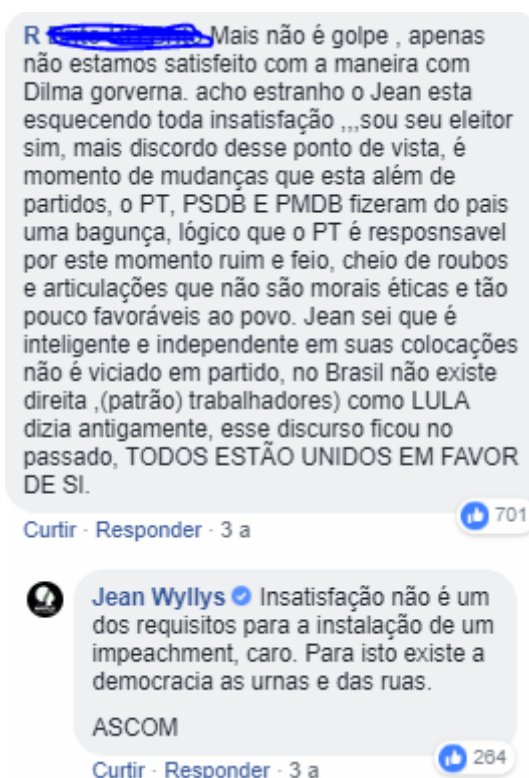


Figura 12 - Seguidor favorável ao afastamento de Dilma - acervo pessoal do autor

Na segunda imagem, retirada da mesma publicação, um segundo usuário faz seu desabafo diante da situação e projeta a sua crença para outros grupos a qual acredita representar. “Não estamos satisfeitos”, diz ele. Ao enunciar um conjunto de indivíduos, o qual acredita que sua voz representa, o sujeito do comentário revela uma hiperconexão, (Recuero, 2013) entre os atores que compõem um campo midiático como o Facebook, uma vez que sua projeção é mais pública, mais replicável e mais permanente.

Apesar de não especificar quem são as pessoas ou grupo que não está satisfeito, o indivíduo dá corpo ao seu discurso com base naquilo que enxerga à sua volta. Em sua bolha digital - podemos chamar de bolha as conexões que escolhemos fazer. Os amigos que

recorrem ao humor para dar visibilidade para a sua ação e, conseqüentemente, comprometer ou anular a do outro. O humor é também uma alternativa para desfocar o que está em discussão e levar a atenção de outros usuários para outro caminho que não seja aquele. Sobre isso a autora complementa:

O humor é valorizadíssimo como mercadoria de capital social nesses sites. É "legal" ser engraçado. Entretanto, na busca desesperada por fazer humor e acumular reputação com os amigos, as pessoas esquecem dos grupos que não são tão próximos (as chamadas audiências invisíveis nos termos da danah boyd) que acabam também recebendo aquela mensagem e que podem interpretá-la em um contexto diferente e se ofender. Além disso, frequentemente o humor é ofensivo e ofensivo com relação a outros grupos. Assim, ao fazer piadinha com o rival do meu time de futebol para os meus amigos, diretamente posso ofender pessoas que não são tão próximas, mas que estão na minha rede (e que diretamente vão considerar a piada uma ofensa pela falta de proximidade). A frequente ofensa pelo humor, mesmo que não seja conflituosa, vai criando uma mágoa capaz de dar origem a manifestações mais agressivas.

A autora nos lembra ainda que o humor, além de popularizar um discurso, também o naturaliza de modo a reproduzir e amplificar o poder simbólico presente naquele espaço. Até aqui, é interessante perceber que, em uma sociedade em que os sujeitos são livres para projetarem suas identidades e construírem opiniões sobre qualquer tema, é visível que nas redes sociais a subjetividade do indivíduo é derramada sobre tal conteúdo e provoca uma espécie de dispositivo reflexivo subjetivo, visto no comentário da usuária na figura 10, ao mesmo tempo em que é repellido pelo segundo usuário na figura 11, tendo assim efeitos completamente contrários. No caso da agressão, do deboche, um dos principais valores que orientam esse comportamento é a instauração de uma visão de liberdade da expressão que, interpretada literalmente, pode dar espaço a agressões verbais das mais diversas. Há uma noção do discurso livre que permite não somente agressões contra a honra, mas também discursos de ódio, conforme veremos mais à frente.

O segundo vídeo escolhido para análise no período pré-impeachment trata-se de uma fala de Jean Wyllys no Congresso Nacional em abril de 2016. Em seu espaço de fala, o deputado denuncia o golpe em curso e chama a atenção dos colegas parlamentares a favor do processo de afastamento de Dilma Rousseff, afirmando que esses serão lembrados pela história como apoiadores do boicote à democracia. Na legenda do vídeo, também publicado em sua página oficial no Facebook, Jean Wyllys reafirma a sua identidade LGBT e se orgulha de não fazer parte do grupo que pretende dar um golpe político no país. *“A história dirá que fui o primeiro*

homossexual com orgulho a chegar ao parlamento. O que jamais dirá é que fui golpista”, diz a legenda.

Os quase 9 mil comentários trazem sentimentos mistos e controversos. Muitos usuários da rede confirmam sua identificação com a postura do deputado. “Deputado, obrigada por esta lucidez em momentos tão tenebrosos. O meu voto não será cassado” diz um dos comentários em destaque, que abre espaço para micro discussões e projeções de ideologias contrárias à da autora. “*ja vai treinando com a foice e a espingarda pq amanha começa o velório da quadrilha vermelha. Se o pior acontecer ouvi dizer que o lulao curte uns charutos cubanos! Fica a dica*”, rebate um usuário ao fazer uma associação direta do PT ao comunismo cubano. O comentário mais curtido (mais de 3 mil *likes*), no entanto, é, novamente, uma tentativa de desfazer o discurso de Wyllys através do humor.

A figura a seguir é apenas uma amostra dos micros discursos que instauram a partir de um tema central. De forma debochada, o usuário questiona o que a legenda do vídeo do deputado do PSOL anuncia: o primeiro parlamentar homossexual com orgulho. Ao resgatar a existência de Clodovil Hernandez, deputado federal eleito em 2006 através do Partido Trabalhista Cristão (PTC) no estado de São Paulo.

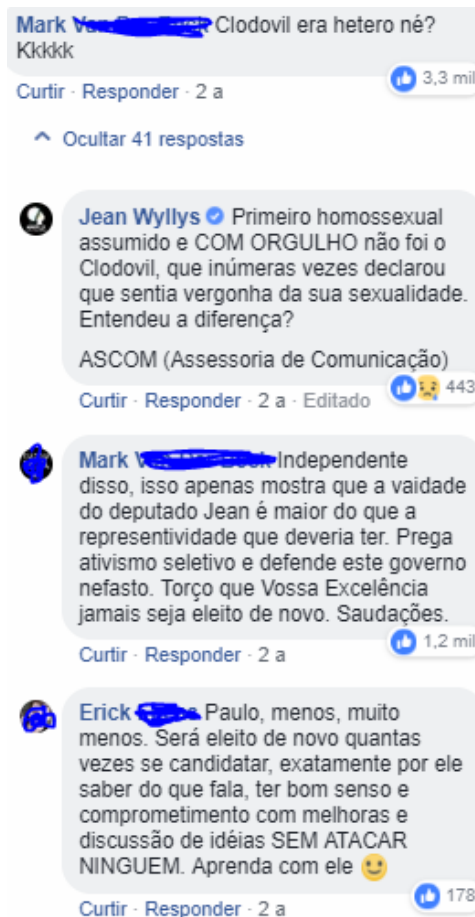


Figura 14 - Resgate da figura de Clodovil - acervo pessoal do autor

De fato, Clodovil foi o primeiro parlamentar assumidamente gay a se eleger no Brasil. Mas, ao ser eleito, o parlamentar adotou uma postura “anti-gay”, sendo contra, em seus discursos e entrevistas, à Parada do Orgulho LGBT, o casamento homossexual e o movimento LGBT brasileiro de forma geral. Em entrevista concedida ao Portal Terra³⁷, em 2007, Clodovil manifestou sua posição acerca da união de pessoas do mesmo sexo: “o casamento é instituição falida até no certo, ainda mais no torto. Não tem lógica um homem casar com outro, não há perpetuação”. Em diversos momentos de sua carreira política, o parlamentar deixou claro que não tinha orgulho em ser gay. O comentário da Assessoria que representa Jean Wyllys é, de fato, a opinião do deputado. Em uma entrevista concedida à Veja³⁸ em 2011, Wyllys revelou o motivo de se declarar como o primeiro homossexual com orgulho a ser eleito deputado.

“O Clodovil nunca teve um engajamento gay. Ele acabou fazendo um ativismo involuntário, porque era homossexual assumido e estava na TV. Ele era adorado pelas senhoras que votaram nele, pelas donas de casa. Se o Clodovil se levantasse como um ativista, não seria adorado pelas senhoras. O Clodovil tinha homofobia internalizada. Ia a público se colocar contra as bandeiras do movimento. Não foi uma nem duas vezes que ele deu declarações à imprensa contra o casamento gay. Fazia até deboche disso. “Detonou” a parada do orgulho gay, quando foi perguntado. Embora fosse homossexual assumido, ele não levou essa discussão para o Congresso Nacional”. (Jean Wyllys para a revista Veja, 2011).

Refutado, o usuário autor do comentário sarcástico parte para outra saída: tentar borrar a imagem de Wyllys a associando à vaidade e ativismo seletivo. O argumento, porém, entra em conflito com o que Jean Wyllys representa. Sua atuação, conforme discutida aqui, não é seletiva. O parlamentar abraça causas de minorias, mas no sentido de representatividade, não numérica, já que, por exemplo, defende pautas feministas e éticas em um país onde a maioria da população é negra e mulher. Wyllys ainda conta com o apoio de alguns seguidores dentro desse comentário. Na imagem, vemos um outro usuário que parte em defesa do parlamentar, confirmando a representação que Wyllys provoca com sua atuação.

Ainda nesta publicação, há outros posicionamentos contrários ao de Jean Wyllys. O comentário abaixo traz uma indignação externalizada em cima do parlamentar.

³⁷ Entrevista de Clodovil ao Portal Terra. | Disponível em <http://bit.ly/2LahglO> | Acesso em 20/06/2018

³⁸ Jean Wyllys: “Clodovil tinha homofobia internalizada” | Disponível em: <https://abr.ai/2miHjcB> | Acesso em 20/06/2018

“Pelo amor de Deus!!! Vc é burro ou retardado? Não existe golpe!!! A senhora presidenta que nos deu o maior golpe... Mentiras, roubos, falsidade... Golpista são vcs que amam o vermelho!!! Eu sou e sempre serei verde e amarelo!!! Não vejo orgulho algum em vc ser o primeiro homossexual a chegar ao parlamento. Vc fez o que até hoje? Vc não me representa!!! Vc é uma vergonha!!!” (Comentário de usuário do Facebook na publicação de Jean Wyllys, 2016).

Diferente do comentário anterior, este assume uma entonação mais dura e agressiva em cima da postura de Wyllys. Mesmo que, durante todo o processo do impeachment, o parlamentar tenha se colocado como oposição ao governo Dilma Rousseff, destilando duras críticas às suas alianças e decisões, Jean Wyllys, assim como os demais parlamentares que se posicionaram contra o processo, é associado a um adorador do PT, evidenciando a polarização política no Brasil: ou você está a favor ou está contra, não existe um meio termo. O usuário ainda questiona a atuação de Wyllys enquanto deputado: *“Vc fez o que até hoje?”*, questiona tentando invalidar todos os projetos, discursos e atuação da carreira de Wyllys, embora, saibamos, eles existem. O descrédito, neste caso, é a forma mais importante de estigmatizar alguém Goffman (1963).

O comentário acima abre portas para um verdadeiro campo de batalha de ideologias. Além de outros indivíduos que aparecem para concordar e validar a opinião do autor, outros assuntos são debatidos dentro daquele espaço. Em determinado momento, a discussão atinge temas como aborto e estupro e os participantes debatem e acusam o deputado por uma postura que lhe é atribuída ali naquele espaço, mas não é, necessariamente, verídica, conforme o diálogo a seguir:

Usuária 1: e qual o problema em ele apoiar o aborto? Acho que ninguém tem o direito de querer impor regras sobre nós mulheres, sobre o que fazemos ou não com o nosso corpo.

Usuário 2 em resposta à usuária 1: Jean apoia o cara que estupra mulheres, dizendo que não pode haver pena de morte para esse tipo de crime, mas apoia a legalização do aborto. Se um criminoso fizesse isso com vc? Vc queria que ele ficasse impune do crime?

Usuário 3 em resposta à usuária 1: Tu fala isso porque tu já nasceu desgraça, "o corpo é meu" vai se ferra retardada!!!!

Percebemos que, fugindo do tema central proposto pelo deputado (seu orgulho gay e seu posicionamento frente ao impeachment), o embate se desdobra em outras controvérsias.

Em momento algum, neste vídeo publicado por Wyllys, ele traz à tona o tema aborto e punição para estupro. Porém, os participantes envolvidos carregam consigo referências simbólicas e imagéticas que servem como recursos argumentativos para atacar ou defender o deputado, ausente da discussão. Wyllys é, realmente, favorável à legalização do aborto porque considera a questão um problema de saúde pública, já que, legal ou não, as mulheres farão abortos e, sem atendimento adequado, morrerão clandestinamente. Mas, diferente do que muitos reproduzem, Jean Wyllys não faz apologia ao aborto. Em projeto apresentado à Câmara em 2015, o deputado pediu a legalização do ato como um direito da mulher a decidir sobre o próprio corpo.

Na justificativa do projeto³⁹, que legalizaria a interrupção de gravidez no Sistema Único de Saúde (SUS) até a 12ª semana de gestação, o parlamentar afirmava que “não havia motivo para que o aborto seguro seja ilegal e as mulheres que o praticam, bem como aqueles e aquelas que as assistem, sejam considerados criminosos ou criminosas”. Ainda de acordo com o texto, o único motivo para isso seria a vontade de uma parcela do sistema político e das instituições religiosas de impor pela força suas crenças e preceitos morais ao conjunto da população, ferindo a laicidade do Estado.

Já sobre a acusação de “defender estupradores”, há um desvio de caráter proposital pelo autor do comentário. Sendo claramente a favor dos direitos humanos e pautando toda sua carreira em cima desta temática, Jean Wyllys rejeita a pena de morte de maneira geral por acreditar que sua prática é um ato arcaico e que não resolve os reais problemas sociais de uma nação. Em entrevista concedida à Carta Capital em 2015 ⁴⁰ Wyllys questiona seus colegas parlamentares da chamada Bancada Evangélica e da Bancada da Bala que defendem a pena de morte no Brasil.

“A abolição da pena de morte é um marco civilizatório, embora alguns estados ainda a pratiquem -- e muito embora, no Brasil, como tantas outras hipocrisias do nosso sistema, ela seja formalmente ilegal, mas costumeiramente aplicada pelas polícias, sem sequer acusação, defesa, julgamento e condenação. O Brasil é signatário de tratados internacionais que proíbem a pena de morte e, por isso mesmo, é alvo de sanções por parte dos organismos internacionais encarregados de fazer cumprir esses tratados: pela persistência das execuções sumárias praticadas pela polícia no vácuo da legalidade. É por isso que existe hoje na Câmara dos

³⁹ Projeto de legalização do aborto proposto por Jean Wyllys | Disponível em: <http://bit.ly/2Neuw6g> | Acesso em 20/06/2018

⁴⁰ Entrevista de Jean Wyllys à Carta Capital | Disponível em: <http://bit.ly/2NPTZ76> | Acesso em 20/06/2018

Deputados uma CPI (da qual faço parte) que investiga o extermínio da juventude negra e pobre, alvo predileto das execuções ilegais” (Jean Wyllys para Carta Capital).

A fala de Jean Wyllys acima deixa bem claro seu posicionamento sobre o tema. Sabemos que ele não defende estupradores, mas a associação é possível pela sua rejeição à pena de morte, afinal, que outro fim poderia ter um criminoso desses senão a morte? Há, portanto, um desvio no entendimento da postura do parlamentar que gera, neste espaço aqui analisado, controvérsias e embates, conforme vistos.

3.1.2 Jean Wyllys durante o impeachment

A votação do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados aconteceu no dia 17 de abril de 2016. Com mais de seis horas de duração, foi marcada por conflitos entre os parlamentares favoráveis e os contrários ao impedimento de Dilma. Com discursos que fugiam da discussão ali proposta - votar se a então presidente havia cometido crime de responsabilidade ao praticar as chamadas pedaladas fiscais para equilibrar o orçamento – e se transformaram em um palanque de manifestações pessoais, com direito a saudações aos familiares, que assistiam através da televisão e internet, e justificativas inusitadas.

No rito do impeachment, cada deputado precedia seu voto por um curto discurso que fundamentava sua decisão. A votação acabou virando um grande desserviço à sociedade, já que ficou claro que não se tratava de julgar existente ou não o crime de responsabilidade da presidente, mas expor um descontentamento geral acerca do seu segundo mandato.

“Pela minha família, minha esposa, meus filhos, pelas famílias brasileiras, pelas crianças do Brasil, pela minha Santa Rosa, meu povo do Rio Grande, pelo Brasil, é sim sr. presidente! ”
(Osmar Terra, PMDB-RS)

Apesar de questionável, a nós interessa na votação a manifestação do deputado Jean Wyllys e do parlamentar Jair Bolsonaro. Ambos protagonizaram um embate que se tornou manchete nos principais jornais nos dias que sucederam a votação. No seu voto favorável ao impedimento de Dilma Rousseff⁴¹, Jair Bolsonaro justificou sua posição pela família, pela

⁴¹ Discurso disponível em <http://migre.me/tZtaS>. Acesso em 30/05/2016

inocência das crianças em sala de aula, contra o comunismo e pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra⁴², o “*pavor de Dilma Rousseff*”.

Por sua vez, ao subir ao palanque para proferir o seu voto, Jean Wyllys teve dificuldades para falar devido às manifestações barulhentas dos adversários. Em seu discurso, Jean criticou a votação⁴³: “*estou constrangido em participar desta farsa [...] e em nome dos direitos LGBTs, do povo negro exterminado nas periferias, dos trabalhadores da cultura, dos sem-teto e dos sem-terra*”, votou contrário à pauta proposta, a qual classificou como “*golpe à democracia*”.

Após proferir seu voto, a cena que se seguiu colocou Jean Wyllys no centro das atenções daquela que pode ser considerada a sessão mais controversa da Câmara dos Deputados. As câmeras que registravam o evento flagraram o deputado cuspiendo em direção a Jair Bolsonaro. O ocorrido virou manchete nos principais jornais e debate nas redes sociais, onde as pessoas, instantaneamente, criaram juízo de valor baseadas em suas convicções: para uns, o cuspe de Wyllys representava um manifesto de revolta por toda a agressão já sofrida pelo deputado por seu colega de trabalho. Para outros, evidenciava a falta de caráter do baiano.

Em rápida pesquisa no buscador *Google* pelo termo “Jean Wyllys cospe em Bolsonaro” temos como resultado mais de 8.600 itens relacionados.⁴⁴ Em destaque, no topo, um vídeo de título “Jean Wyllys cospe em Jair Bolsonaro - Completo”, seguido de manchetes de jornais como Uol, Estadão e O Globo, conforme a sinaliza a figura a seguir.

⁴² Carlos Alberto Brilhante Ustra atuou, entre 1970 e 1974, como comandante da DOI10 -Codi do Exército de São Paulo, órgão de repressão política do governo militar, e foi acusado pelo Ministério Público Federal por envolvimento em crimes como o assassinato do militante comunista Carlos Nicolau Danielli, sequestrado e torturado nas dependências do órgão. Em 2008, tornou-se o primeiro militar reconhecido pela Justiça como torturador de pelo menos 45 pessoas durante a ditadura. Ustra também foi denunciado por homicídio doloso qualificado pela morte do jornalista Luiz Eduardo da Rocha Merlino, em julho de 1971, mas faleceu antes de ser julgado pela Lei de Anistia. Informações do site G1 <http://migre.me/tZte7>. Acesso em 30/05/2016

⁴³ Discurso disponível no Facebook de Jean Wyllys. Ver em: <http://migre.me/tZtqM> | Acesso em 30/05/2016

⁴⁴ Pesquisa feita em 17/07/2018

Google Jean Wyllys cospe em Bolsonaro

Todas Vídeos Notícias Imagens Shopping Mais Configurações Ferramentas

Aproximadamente 8.630 resultados (0,37 segundos)



Jean Wyllys cospe em Jair Bolsonaro - Completo - YouTube
YouTube · Sérgio Marinho

Jean Wyllys cospe em Bolsonaro e diz que faria de novo - UOL Notícias
<https://noticias.uol.com.br/.../jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-faria-de-nov...>
17 de abr de 2016 - O deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ) disse que realmente cuspiu em direção a seu colega Jair Bolsonaro (PSC-RJ) e afirmou que faria ...

Imagens de Jean Wyllys cospe em Bolsonaro



→ Mais imagens para Jean Wyllys cospe em Bolsonaro Denunciar imagens

Jean Wyllys cospe em direção a Bolsonaro após votar contra ...
<https://politica.estadao.com.br/.../geral-jean-wyllys-cospe-em-direcao-a-bolsonaro-apo...>
17 de abr de 2016 - 'Na hora que fui votar esse canalha (Bolsonaro) decidiu me insultar na saída e tentar agarrar meu braço. Ele ou alguém que estivesse perto ...

Jean Wyllys admite que cuspiu 'na cara' de Bolsonaro - Jornal O Globo
<https://oglobo.globo.com/Brasil>
17 de abr de 2016 - BRASÍLIA — O deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) admitiu em entrevista à imprensa, no Salão Verde da Câmara, que cuspiu "na cara" do ...

Figura 15 - Pesquisa sobre o cuspe de Wyllys a Bolsonaro (acervo pessoal do autor)

No vídeo, com mais de 790 mil visualizações até o momento, o usuário responsável pela conta escreve como texto de apoio:

Instantes após votar contra a abertura do processo de impeachment, o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) cuspiu no deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) disse que antes havia sido insultado de Veado (o que não foi confirmado) pelo colega Parlamentar. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP) disse que Jean Wyllys teria se irritado com provocação de seu pai, Jair Bolsonaro.

— *Jean tentou cuspir no meu pai porque ele estava falando "tchau, querida, tchau, querida". Eles é que têm o discurso do ódio”.*

Já pela descrição do vídeo é possível perceber que o autor, mesmo que de forma sutil, projeta a sua subjetividade a respeito do ocorrido quando nega a voz de Jean (citada indiretamente) ao evidenciar que seu álibi não havia sido confirmado. Também, quando abre espaço, ainda no texto, para uma fala direta do filho de Bolsonaro defendendo o pai e projetando em Willys o discurso de ódio.

Nos mais de quatro mil comentários do vídeo, o sentimento que prevalece é o de indignação acerca da postura de Willys, bem como agressões verbais, ameaças e reprodução de discursos de ódio, conforme podemos observar nos dos trechos destacado abaixo.

IGREJA PENTECOSTAL MONTE SINAI MISSÃO INTERNACIONAL: Esse homem que cuspiu não é um homem sequer mas um porco e deveria era mesmo viver no lamaçal!

Kyani Molina: Esse idiota do Jean não passa de um viadinho vitimismo, desequilbrado e dando ataque de histeria. Um completo idiota!

Hellen Ramalho TV: dava um soco na cara desse baitola fdp.pra ele cuspir sêmen na cara da mãe dele...

david valentim: Alem de boiola é mentiroso, a filmagem mostra o Bonsonaro falando tchau querida. como esta em escrito em vários cartazes, e mais, chamar um viado de viado é insulto? ele não é viado declarado?

achou que eu tava brincando?: Durante o discurso desse arrombado eu torci pra que alguém metesse uma cadeirada nessa bixona

Muitos dos perfis dos autores das frases supracitadas são fakes ou não identificam, de fato, o sujeito. Recuero (2013, online) ressaltam que, diferente do convívio social presencial, onde as pessoas tendem a se autocensurar, em uma espécie de controle da ofensa provinda da exposição. Nas redes sociais digitais, porém, o fato de não vermos o outrem cara a cara nos possibilita despir de todo e qualquer discernimento e usar vozes que, muitas vezes, não podemos usar na “vida real”:

Quando agimos de forma mais grosseira com alguém, observamos imediatamente as consequências deste no Outro, seja na expressão facial, nos gestos e mesmo, na fala. Assim como também nos expomos aos demais. Essa

exposição gera uma censura, uma sanção à ofensa. Há ruptura de laços sociais. A parte ofendida tende a buscar apoio no seu grupo e o ofensor, no seu respectivo e acontece um distanciamento social. Nos sites de rede social, entretanto, não se vê a face do outro, ou o grupo que observa uma ofensa. As reações da audiência não são imediatamente discerníveis. Com isso, a correção (p/ usar Goffman) é falha e demorada, o que frequentemente faz com que ocorra tarde demais. Muitas vezes a intenção não é ofender, mas uma flame (discussão inflamada) pode surgir simplesmente por conta de um mal entendido que demorou a ser corrigido. Além disso, o possível anonimato muitas vezes oferecido por essas ferramentas atua como válvula de escape para algumas agressões mais inflamadas, justamente porque o sujeito sabe que não vai sofrer sanção social se não souberem quem é ele.

Essas explosões de ódio, que fogem do contexto do simples cuspe do deputado e atinge questões de aversão a gênero e sexualidade, são rascunhos de uma sociedade que muito reproduz e pouco questiona. No próprio vídeo, o responsável pela publicação se dirige aos comentários e publica uma nova atualização para o caso, postada um dia após o primeiro.

Aí camaradas, vídeo novo mostrando a verdade. Foi filmado o que o Bolsonaro disse para o Jean Willys antes da cusparada. www.youtube.com/watch?v=Ylw-QGTOHlc&feature=youtu.be

No novo vídeo⁴⁵, o autor descreve o fato como uma reviravolta que confirmaria que o deputado Jean Willys agiu de forma vulgar, errada e, por isso, não merece respeito.

"Instantes após votar contra a abertura do processo de impeachment, o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) cuspiu no deputado Jair Bolsonaro (PSC-RJ) disse que antes havia sido insultado de "Veado", "Queima-Rosca", "Boiola" e outras ofensas homofóbicas pelo colega Parlamentar. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSC-SP) CONFIRMOU em vídeo que Jean tentou cuspir no seu pai porque ele estava falando "tchau, querida, tchau, querida". Eis a prova!" (Descrição do vídeo de título Jean Willys Cospe em Bolsonaro - A Verdade foi filmada).

A “verdade filmada”, mais tarde, em dezembro de 2016, foi desmanchada por uma perícia policial encomendada pela Comissão de Ética da Câmara dos Deputados⁴⁶, desmontando, assim, a tese defendida por Jair Bolsonaro de que o ato de Wyllys teria sido premeditado. A leitura labial feita pela perícia apontou que o vídeo ocorreu depois da ação e

⁴⁵ Sequência do vídeo denúncia. Disponível em: <http://bit.ly/2zUNFrY> | Acesso em 17/07/2018

⁴⁶ Laudo policial desmente versão de Bolsonaro. Disponível em: <http://bit.ly/2uK1Tae> Acesso em 20/07/2018

que Jean Wyllys disse, na verdade, “eu cuspi na cara do Bolsonaro, Chico” e não “eu vou cuspir” como sugeria a legenda do vídeo divulgado pelo filho de Bolsonaro.

Apesar de alguns veículos da imprensa divulgarem a reviravolta, o autor do canal que divulgou a primeira versão do vídeo não se manifestou com qualquer tipo de errata ou atualização do caso, deixando, assim, impresso seu posicionamento e cego o seu público, ainda crentes na versão disseminada. Jean Wyllys chegou a ser alvo de um processo disciplinar no Conselho de Ética da Câmara, mas foi absolvido. Em depoimento ao Colegiado, em dezembro de 2016, o deputado baiano disse que seu ato foi uma reação, não uma ação. “Tolerei insultos por seis anos, mas, naquela hora, cuspi na cara daquele fascista porque foi algo mais forte do que eu”, relatou.

Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro e também atuante na política (deputado federal pelo estado de São Paulo desde 2015), fez um manifesto contrário à perícia policial. Em vídeo publicado na sua página oficial⁴⁷ no Facebook, o filho de Jair Bolsonaro condena a matéria do jornalista Lauro Jardim sobre a perícia realizada no vídeo. Em seu posicionamento, Eduardo Bolsonaro diz que o jornalista tenta manchar o nome de sua família e fazer de Jean Wyllys uma vítima, quando, na verdade, ele agiu com má conduta ao cuspir em seu pai.

A publicação de Eduardo Bolsonaro tem mais de 8 mil reações (curtidas), 1,4 mil compartilhamentos, 512 comentários e 101 mil visualizações no vídeo⁴⁸. Aqui, a manifestação dos usuários é favorável à família Bolsonaro e deturpaste ao deputado Jean Wyllys. Em alguns comentários, expostos mais baixos, percebemos a retomada de questões de gênero e sexualidade para desmontar a imagem e identidade de Wyllys. Os usuários envolvidos, assumem sua condição de indivíduo que projeta sua subjetividade e a transforma em argumentos irrefutáveis para condenar um outro sujeito a qual não se identifica.

Usuário1: O problema não é você ser gay, é você ser o Jean Wyllys! Pois existem gays que são grandes "homens", e em compensação, existem outros que são umas bostas, como o Jean!

Usuário 2 em resposta ao usuário 1: Exatamente, Eu sou gay e Jean Wyllys não me representa de forma alguma. Um bom exemplo de um parlamentar Homossexual foi Clodovil, já esse Wyllys...

⁴⁷ Vídeo de Eduardo Bolsonaro criticando a perícia policial que inocentou Jean Wyllys. Disponível em: <http://bit.ly/2mE9SkG>. Acesso em 20/07/2018

⁴⁸ Dados verificados em 23/07/2018

Percebemos que há, claramente, uma rejeição, uma controvérsia de identidades, ao deputado Wyllys, mesmo diante daqueles que, em tese, deveriam abraçar seu discurso. Quando o usuário 2 nega sua identificação ao parlamentar e resgata a imagem de Clodovil como espelho da sua imagem, entendemos que sua visão ideológica esbarra na atuação e posicionamento de Wyllys. “ Eu sou gay e Jean Wyllys não me representa de forma alguma” é uma rachadura na hegemonia: não há um consenso social, nem mesmo entre os grupos marginalizados.

Esse distanciamento nos mostra que, líquida, a identidade é, também, esfarelada. Há um estranhamento na fala do usuário acima. Como pode, ele, ser gay e se identificar com uma figura pública que, como vimos, sempre teve uma atuação que não projetava os direitos LGBT, mas os refutava. A resposta, talvez, possa estar em um outro ângulo periférico. Imaginemos, então, que sua identificação com Clodovil parte não da sua atuação política, mas do fato que o mesmo reprimia seu orgulho por ter vergonha de ser o que era. Se assim for, faz sentido que este usuário não se veja em Jean Wyllys: Wyllys é tudo o que ele não quer ser ou ter. O deputado grita seu orgulho LGBT e, talvez, isso seja suficiente para provocar um abismo de identificação.

Ainda neste vídeo, vemos mais construções argumentativas que tentam ferir a imagem de Wyllys e condenar sua atitude.

Ivan: O argumento de Jean Wyllys é ridículo: "Tolerei insultos por seis anos, mas, naquela hora, cuspi na cara daquele fascista porque foi algo mais forte do que eu. Minha cuspidinha foi uma reação e não uma ação", disse Jean. A leitura labial feita pela perícia apontou que o vídeo ocorreu depois da ação e que Jean Wyllys disse, na verdade, "eu cuspi na cara do Bolsonaro, Chico" e não "eu vou cuspir" como sugeria a legenda do vídeo divulgado pelo filho de Bolsonaro. Wyllys alegou me sua defesa vitimista que Bolsonaro o teria insultado, mas ele pode provar essa acusação? Suponho que não. E mesmo que pudesse, ele tbm teria que admitir que muitas ofensas são 'reações' dos membros da família Bolsonaro, frequentemente xingados de fascistas, homofóbicos, retrógrados e preconceituosos. Quem aguenta isso por tantos anos uma hora há de revidar, não acham?

Neste trecho, percebemos que há um jogo de balanças interessante. O usuário tenta equilibrar os discursos ao sugerir que a agressão homofóbica que Wyllys sofreu de Bolsonaro é apenas uma reação da mesma agressão que Bolsonaro sofre ao ser chamado de "fascistas, homofóbicos, retrógrados e preconceituosos". A balança do sujeito aqui analisado parece distorcer a percepção dos fatos. Para ele, ser chamado de homofóbico é tão errado como ser chamado de (sic) veado. E um é consequência do outro.

Fica claro que, neste caso, não há uma elucidação sobre os discursos que são projetados no cotidiano das personagens principais. Ivan valida a perseguição de Bolsonaro a Wyllys porque, imagneticamente, bebe das mesmas fontes ideológicas.

Para fechar este episódio (do cuspe), trazemos, por fim, uma análise à fala de Jean Wyllys e as reações ao seu discurso sobre o acontecido. Em uma publicação divulgada no Facebook no dia 17 de abril de 2016⁴⁹, Wyllys assume que cuspiu em Bolsonaro e, em um desabafo, revela sua motivação.

"Depois de anunciar o meu voto NÃO ao golpe de estado de Cunha, Temer e a oposição de direita, o deputado fascista viúva da ditadura me insultou, gritando "veado", "queima-rosca", "boiola" e outras ofensas homofóbicas e tentou agarrar meu braço violentamente na saída. Eu reagi cuspiando no fascista. Não vou negar e nem me envergonhar disso. É o mínimo que merece um deputado que "dedica" seu voto a favor do golpe ao torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército durante a ditadura militar. Não vou me calar e nem vou permitir que esse canalha fascista, machista, homofóbico e golpista me agrida ou me ameace. Ele cospe diariamente nos direitos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. Ele cospe diariamente na democracia. Ele usa a violência física contra seus colegas na Câmara, chamou uma deputada de vagabunda e ameaçou estuprá-la. Ele cospe o tempo todo nos direitos humanos, na liberdade e na dignidade de milhões de pessoas. Eu não saí do armário para o orgulho para ficar quieto ou com medo desse canalha" (Jean Wyllys sobre Cuspe em Bolsonaro, 2016)

A fala de Wyllys trata-se de um verdadeiro desabafo. Ele não se arrepende do que fez e vai além: usa da metáfora para dizer justificar seu ato. Para ele, a questão mais importante é o “cuspe” que Bolsonaro dá frequentemente na democracia, direitos LGBTs, direitos humanos, etc. Jean Wyllys se refere, claro, ao discurso e atuação do colega parlamentar, que é contrário a tudo aquilo que Wyllys defende.

Nos comentários, existe um expressivo número de empatia e identificação com o discurso do baiano. O posicionamento favorável à um comportamento “questionável” por parte de alguns usuários revela que a problemática envolvendo as personagens rompe o caso específico da cuspidinha. Os que saem em defesa de Wyllys, manifestando seu sentimento de representatividade, vão além do julgamento do vídeo. Eles manifestam um sentimento

⁴⁹ Declaração de Wyllys sobre o cuspe em Bolsonaro. Disponível em: <http://bit.ly/2LttbLE> Acesso em 22/07/2018

antagônico ao discurso e trajetória de Jair Bolsonaro. Mesmo que não esteja explicitado, podemos perceber que há uma rejeição à sua fala retrógrada e de ódio. Há, nesta publicação, mais de 130 mil comentários e 473 mil reações. A maior parte, em uma análise um tanto que superficial (baseada em algoritmos), mostra uma aprovação ao comportamento de Wyllys, conforme os comentários abaixo, recortados para ilustrar (escolhidos de acordo com relevância de curtidas)

Usuário 1: Obrigado Jean, por ter tanta coragem de estar no meio de malditos fascistas, você representa nossa nação democrática, obrigado por estar lá, são poucos diante de tanta nojeira que se escutou neste plenário.

Usuário 2: Em nenhum momento o DEP. Jean enalteceu seu gesto. Só quem é gay/lesbica/trans/negro/mulher, enfim, só quem está à margem, sabe como é difícil, doloroso e traumático ser ofendido diariamente. Tudo tem um limite! Imagino o que Jean passa por meses diante desse fascistas. Estou com ele, como sempre!

Ambos os discursos acima são uma resposta ao que Jean Wyllys representa. O primeiro comentário, expressa sua gratidão por Wyllys ser uma revolta ao sistema corrupto, enquanto que o segundo despeja sua identificação mais pessoal que legitima o cuspe em Bolsonaro: quem passa por repressões diárias, como Wyllys, pelo simples fato de ser o que é, entende como é difícil não reagir ao ódio.

3.1.3 Jean Wyllys após o impeachment

Finalizando a série de controvérsias, propomos aqui uma análise sobre alguns acontecimentos que marcaram o período pós-impeachment que envolvem nosso objeto de pesquisa. Após a aprovação no Senado Federal do afastamento da presidente Dilma Rousseff, em agosto de 2016, Wyllys manifestou sua indignação em sua página oficial com uma foto de um título de eleitor rasgado e um discurso que reforçava sua convicção de que aquele acontecimento se tratava de um golpe político.



Figura 16 - Jean Wyllys "rasga" seu título de eleitor - Acervo pessoal do autor

A fala de Wyllys é simbólica, metafórica. O deputado não rasgou verdadeiramente o seu título de eleitor, mas fez a alusão para denunciar que o impeachment da presidente Dilma representava exatamente aquilo: a democracia estava sendo rasgada por interesses políticos. Em seu discurso, Wyllys reforça suas identidades. Ali, ele evidencia que quem sofre com o acontecido são as minorias, já marginalizadas pelas políticas públicas daqueles (políticos) que deveriam lutar por seus direitos.

O manifesto, porém, gerou controvérsias. Além da manifestação na própria publicação, dos que entenderam a metáfora e dos que a levaram ao pé da letra, diversos portais - que sinalizam sua posição política, à direita - viram ali uma oportunidade para, mais uma vez, desfazer a imagem do deputado. O "Jornal Livre" publicou uma matéria em seu site⁵⁰ criticando o comportamento de Wyllys: *"Histórico, Jean Wyllys teria "rasgado" seu título de eleitor após impeachment da golpista Dilma"*. Assumindo um posicionamento, a matéria continua: *"os*

⁵⁰ Matéria do Jornal Livre sobre Wyllys rasgar o título. Disponível em: <http://bit.ly/2LIXpY7> Acesso em 22/07/2018

bolivarianos estão produzindo cenas ridículas após o afastamento da presidente golpista Dilma Rousseff”.

Na publicação do site há 19 comentários, todos de cunho crítico e agressivo ao deputado baiano. Novamente, aqui, trazemos as cortinas do anonimato como convite à manifestação livre. Dentre algumas das manifestações dos leitores, que, entre ofensas e “recomendações”, esbarramos, mais uma vez, em casos onde há um rompimento de representatividade.

Jessuel: Lindo nada de lutar!!! Voce disse que se ela saísse voce iria embora do país, por favor cumpra o prometido, sou gay e vc nao me representa!!!

Jessuel não vê em Wyllys a sua imagem ao negar a representação do deputado, mesmo assumindo a mesma condição sexual. Este mesmo sentimento de rejeição é visto na publicação original feita pelo ex-bbb. Um dos comentários com maior número de curtidas e, portanto, com maior visibilidade, renega toda a atuação de Wyllys enquanto agente político e ativista e atribui a ele a condição de incitador da violência que ele mesmo luta contra.

Igor : Cara, já reparou como você incita a violência, sendo pessoa (O que, pra mim, é uma vergonha) pública no País? O que te faz melhor que alguém? O que faz a Dilma melhor que o Temer, ou qualquer outra pessoa? Ou vice e versa? A história em que se tira do rico, para dar aos pobres, só funciona com o Robin Wood, nos livros infantis. Já que você briga tanto pela população, e é um intelectual de primeira, vire parlamentar em Países muito mais desenvolvidos que o nosso. Sua capacidade intelectual, talvez, não se encaixe na população brasileira. Vocês estão lutando entre vocês mesmo. E a população está assistindo da TV. Sua preocupação conosco é muito comovente, mas faça - me uma gentileza? Vá fazer isso em outro planeta, e leve com você todos os que você acusa, incluindo os que fazem parte do seu ciclo.

Gisele: Não se tem o que se dizer, Michel Temer conseguiu dar o maior golpe de todos os tempos ele e sua corja ! Mas que nada a luta não acabou !

Igor, supracitado, assume aqui a condição de quem acredita que fala em nome de muitos. E ele tem razão. Sua voz ecoa através dos espelhos sociais dispostos dentro das redes. Ela vem de algum canto e vai para outro. O mesmo vemos no comentário de Gisele. Ela, assim como Wyllys, não aceita o golpe político que o Brasil sofre. É um perfeito jogo de contravérsias. Um reflexo cultural típico de ferramentas sociais digitais que amplificam sentimentos, geram conflitos e resultam em uma bagunça ideológica de difícil assimilação.

Há, nesta publicação, mais de 12 mil comentários, que se dividem entre o reconhecimento e a rejeição. Ambas se fazem em uma falsa construção de diálogo que, na verdade, se desmancha na primeira contradição de crenças: o que eu falo é a verdade absoluta e a sua fala não tem espaço dentro da minha visão.

É interessante destacar que, mesmo após o esfriamento do impeachment, Wyllys não mudou seu posicionamento ou discurso acerca do ocorrido. Em diversas oportunidades, o deputado manifestou que o afastamento de Dilma Rousseff fora um golpe e, do jeito que pode, trabalhou para que a democracia pudesse ser restaurada. Um mês após a cassação da presidente, Wyllys foi ao Supremo Tribunal Federal pedir a anulação do processo alegando a inexistência do crime de responsabilidade que teria culminado no fim do mandato de Dilma. Novamente, em setembro de 2017, o deputado voltou a pedir que o STF colocasse o impeachment da presidente em pauta, acreditando que se tratava de uma injustiça e um golpe ao povo brasileiro.

Em ambas as situações, Wyllys sempre enfatizou sua oposição ao governo de Dilma. Mas, para ele, seu descontentamento com a atuação da presidente não era motivo legal para derrubá-la. Isso, entre tudo aqui já exposto, reforça aquela personalidade de Wyllys que busca pela justiça social, cultural e, claro, política. Sua atuação, por mais controvérsia que pareça, é construída sobre bases sólidas de coerência: Wyllys é convicto e irredutível na luta pelo aquilo que acredita.

3.1.4 As identidades remanescentes

Passado o episódio que nos permitiu analisar como se dão as projeções e sustentações das identidades dos indivíduos de condição pós-moderna, podemos concluir que não há, de forma clara, um vencedor e um perdedor nesta disputa simbólica. Cada sujeita fomenta sua própria razão e, assim, assegura que suas convicções são legítimas e impenetráveis.

Para Jean Wyllys, o jogo também não acabou. O deputado é ainda um dos mais atuantes do país, usando sua voz para trazer à tona questões de importância social que são postas de lado por outros colegas parlamentares. Assim como sua luta é inacabável, os adversários políticos e sociais de Wyllys também o são.

O ex professor baiano tem que refutar, explicar e refazer questões que envolvem seu nome para continuar “vivo” no cenário atual. No dia a dia, o deputado mantém a sua agenda de minorias, projetando o seu discurso em prol das ideologias que acredita e dissemina. São

articulações diárias que promovem a manutenção de suas identidades e fortalece o eco dos seus discursos subjetivos que respingam na representatividade.

3.1.4.1 Jean Wyllys LGBT

Em setembro de 2017, por exemplo, Wyllys manifestou sua indignação frente à decisão da 14ª Vara do Distrito Federal Waldemar Cláudio de Carvalho, que concedeu liminar abrindo brecha para que psicólogos ofereçam a terapia de reversão sexual, a popularmente conhecida “cura gay”, proibida pelo Conselho Federal de Psicologia desde 1999.

Em publicação na sua página oficial no Facebook, Wyllys chama a atenção do seu público⁵¹ lamentando a memificação (ato de transformar um fato ou pessoa em piada viral) que estava ocorrendo sobre a decisão do juiz em permitir, em caso único, o tratamento da reversão sexual de um paciente.

"Nas últimas horas, as redes sociais ficaram cheias de piadas e memes engraçados que deboçam da decisão de um juiz que, desconhecendo a Constituição Federal, os tratados internacionais de direitos humanos, a autonomia do Conselho Federal de Psicologia e todo o conhecimento científico sobre sexualidade e saúde mental, decidiu autorizar uma forma de tortura psicológica disfarçada de "terapia" para tratar a homossexualidade como se ela fosse algum tipo de "doença" ou anomalia. A reação da maioria das pessoas tem sido ridicularizar a decisão. E, sim, ela é ridícula e pode nos levar ao riso, mas não é brincadeira. Muitas vezes, o humor pode ser uma arma poderosa contra a estupidez e o preconceito, e eu mesmo publiquei ontem, aqui, um vídeo do comediante Paulo Gustavo que debocha da decisão. Contudo, estou começando a ficar preocupado ao ver que o deboche tem se transformado na forma quase exclusiva de responder ao juiz, inclusive, com piadas que trazem embutidos outros preconceitos, ou os naturalizam. Não podemos perder de vista que o que está acontecendo é gravíssimo e merece ser enfrentado com seriedade. Precisamos contestar essa barbaridade com argumentos contundentes e enfatizando o quanto ela é perigosa!" (Jean Wyllys sobre a cura gay).

A fala de Jean Wyllys aqui aponta o humor como meio legítimo de manifestação e revolta. É, de fato, um modo do discurso que foca, sobretudo, a interação social Crawford (2003). Mas, para além disso, faz um chamado para que as pessoas saiam da zona de conforto que são as redes sociais e os memes e reflitam e discutam as consequências que uma decisão

⁵¹ Publicação oficial sobre cura gay. Disponível em: <http://bit.ly/2KytLTG>. Acesso em 30/06/2018

assim pode causar. É aqui que Wyllys reforça sua identidade gay. Ele já esteve ali (e ainda está, claro), naquela condição de anomalia social. E o deputado tem razão. Sua publicação traz a participação, através de comentários, de sujeitos que rejeitam a sua - e a dos outros - condição sexual.

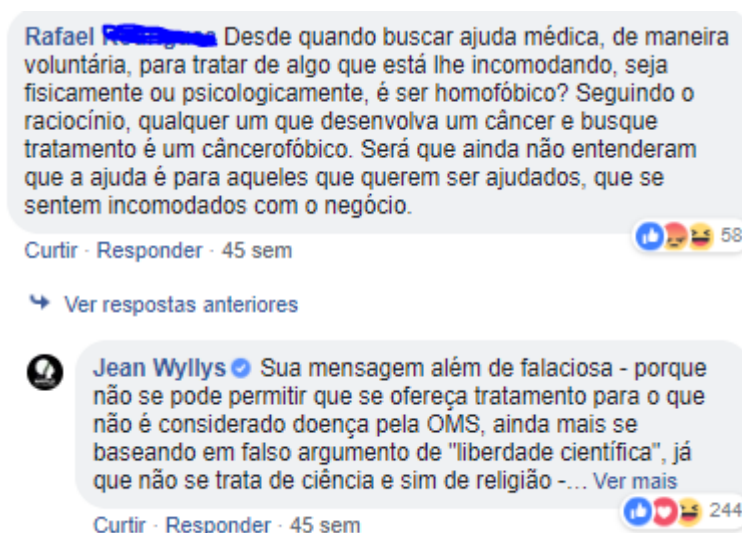


Figura 17 - Usuário comenta cura gay

O argumento de Rafael confirma o que o consenso social reproduz: ser gay é uma escolha ou, pior, uma deficiência psicológica que pode ser tratada. Ao refutar o discurso de Wyllys, Rafael coloca a condição sexual de um indivíduo na mesma balança que uma doença como o câncer. Rafael provavelmente não enxerga, ou percebe, que, neste caso, o paciente que entrou na justiça para conseguir o tratamento de reversão sexual, está impregnado de ideologias e valores morais do imaginário social. Ele não quer ser gay porque sabe que é “errado”, cresceu sob essas diretrizes e não está disposto (ou não consegue, ou não pode) a enfrentar-las e, por isso, solicita o tratamento para que consiga anular sua própria identidade ou forjar outra que seja socialmente aceita.

A resposta de Jean Wyllys (ou de sua assessoria, como observado na figura), reforça isso. Para ele, a decisão do juiz é um retrocesso aos anos de lutas pelos direitos LGBT, já que a Organização Mundial de Saúde há muito não considera a homossexualidade como doença. O mais difícil, neste atrito, é que o discurso de Rafael não só é validado por muitos, mas ganha coro e ecoa pelo ciberespaço, causando danos não a Jean Wyllys, mas à sociedade marginalizada, neste caso, a comunidade gay.

3.1.4.2 Jean Wyllys Mulher

Jean Wyllys sempre foi mulher. O seu discurso sempre celebrou o corpo feminino, em suas diversas possibilidades, e abraçou a luta pelo direito dessas. O deputado tem sido um agente de força no quadro político representativo para questões femininas. Embora saiba que a luta não é diretamente sua, sendo, muitas vezes, acusado e julgado por algumas vertentes do feminismo que desqualificam o seu discurso, Wyllys usa o espaço que conquistou para projetar sintomas que causam feridas à sociedade feminina, mostrando-se uma voz de representatividade incansável nesse contexto.

Do dia 8 de março de 2018, dia o qual é comemorado o Dia Internacional das Mulheres, o deputado levantou, em publicação na sua página do *Facebook*, dados que mostram que há muito trabalho e pouco a se comemorar nesse cenário.

Dados estatísticos comprovam que ainda há muito a lutar. 70% dos estupros são cometidos dentro de casa, num espaço que deveria ser de acolhimento, e são cometidos por parentes, namorados, conhecidos ou amigos da vítima. Em 2017, foram 946 feminicídios (quando o assassinato é motivado por ódio ligado ao gênero ou pela sensação de dominação sobre a mulher) em um universo de 4.473 homicídios dolosos. Número que cresceu 16,5% em relação ao ano anterior! No DF, que viu um aumento de 32,4% nos casos de estupros entre 2016 e 2017, há apenas dois dias e em região nobre, Romilda Souza foi assassinada covardemente por seu marido por ter pedido a separação. E este não é um caso isolado!

O aborto inseguro e clandestino continua sendo a principal causa de morte materna e não há boas políticas públicas para prevenir a gravidez indesejada. As mulheres continuam, em média, recebendo salários menores aos dos homens, mesmo quando fazem o mesmo trabalho. O direito ao voto foi conquistado há muito tempo no Brasil, mas a proporção de mulheres nas casas legislativas e nos cargos políticos do primeiro escalão é baixíssima.

Motivos para a marcha das mulheres não faltam. Infelizmente, a própria Casa do Povo, a Câmara dos Deputados, decidiu fechar as portas a elas no dia de hoje. Elas que representam apenas 10% das cadeiras no Legislativo federal, mas constituem 51,4% da população e respondem sozinhas pelo sustento de 39,3% das famílias em área urbana. São essas mulheres, a quem já são negados os espaços de poder por conta de um sistema eleitoral desigual e

baseado no poder do dinheiro e da conveniência, que têm seu direito de acesso a um órgão público impedido.

Não desejarei um feliz dia das mulheres. Desejarei um exitoso dia de mobilização e luta feminista! (Discurso de Wyllys no Dia Internacional da Mulher).

Wyllys revela dados que são realidade no Brasil atual. Sua fala é, de certa forma, um rasgo social em uma data onde se distribuem flores como homenagem momentânea. O posicionamento do deputado não esgota em seu discurso. Na Câmara, o baiano vem apresentando projetos de lei que ressignifique o que é ser mulher na sociedade. Em seu currículo de atuação política, vemos: 1⁵² - projeto de lei que visava garantir o regime de exercícios domiciliares à estudante gestante em período de afastamento a ser determinado por atestado médico dentro do intervalo do oitavo mês de gestação até os seis meses após o nascimento da criança; 2⁵³ - projeto de lei que regulamenta a atividade dos profissionais do sexo (embora para ambos os gêneros, Wyllys entende que a mulher é a mais marginalizada); 3⁵⁴ - projeto de lei para instituir o parto humanizado; 4⁵⁵ - projeto sobre direitos sexuais e reprodutivos (aqui entra a regulamentação do aborto).

A voz - e ações - de Jean Wyllys parece legítima frente ao público feminino. Na publicação sobre o dia da mulher, escorrem sentimentos de representatividade daquelas que se veem na atuação do deputado, conforme indicam os comentários abaixo, retirados da publicação (em ordem de relevância do próprio *Facebook*).

Janine: Jean, como tenho orgulho da sua trajetória política! Queria q vc fosse candidato aqui pelo DF, votaria mil vezes em vc. Obrigada companheiro, por apoiar a nossa luta@

Malu: Parabéns, Jean, por sua sensibilidade! Gratidão por seu empenho em nossa causa é em tantas outras causas coletivas.

Carmen: Você é ótimo Jean, como as alguém pode ficar contra uma pessoa que luta pelos nossos direitos? Vai entender.

⁵² Ver em: <http://bit.ly/2ANkXd5> Acesso em 30/06/2018

⁵³ Ver em: <http://bit.ly/2OOhBJK> Acesso em 30/06/2018

⁵⁴ Ver em: <http://bit.ly/2Oevy2L> Acesso em 30/06/2018

⁵⁵ Ver em: <http://bit.ly/2vrfeof> Acesso em 30/06/2018

3.1.4.3 Jean Wyllys Negro

A vida coloca negros e brancos em lados diferentes na hora do acesso ao emprego formal, do acesso ao ensino superior, da batida policial, na hora do assassinato dos jovens, das violências racistas... (Jean Wyllys sobre o Dia da Consciência Negra).

O trecho destacado acima é parte do discurso que Jean Wyllys manifestou em sua página no Facebook para abordar o dia da consciência negra, em 2017.⁵⁶ A publicação traz um vídeo com um trecho da música "A carne", popularizada no Brasil pela cantora Elza Soares e pano poético para denunciar que o racismo - mesmo que velado - ainda é um dos maiores males da humanidade.

Jean Wyllys também sempre foi negro. Sua voz política, muitas vezes carregada de revolta, sempre ressaltou que o jovem negro periférico está condenado a ser um cadáver no Brasil⁵⁷. Em diversos casos de jovens negros mortos “por engano” que ganharam a mídia, Wyllys manteve sua convicção sobre a segregação racial que acontece na sociedade.

O deputado atuou, em 2013, pela aprovação do projeto de lei que previa cotas para pessoas negras em concursos públicos. Em entrevista ao Jus Brasil⁵⁸, à época, o baiano reforçou seu posicionamento sobre a questão racial no Brasil.

Negros e negras não estão devidamente inseridos e inseridas em ambientes profissionais. Segundo pesquisa do Dieese, negros recebem menos em qualquer comparação que se faça, seja por setores de atividades, seja por escolaridade, e também enfrentam obstáculos que o direcionam para empregos de menor qualificação. Ainda de acordo com o estudo, um trabalhador negro recebe em média um salário 36,11% menor que um trabalhador não negro. Estes dados só reforçam a segregação racial ainda existente em nossa sociedade. O racismo e a opressão de negros e negras foram tão naturalizadas no Brasil que chegam a ser sutis e praticamente invisíveis aos olhos da sociedade. O racismo produz e reproduz essas diferenças e atua de forma direta também no quadro profissional das empresas e instituições.

⁵⁶ Ver em: <http://bit.ly/2OeUGGz> Acesso em 30/06/2018

⁵⁷ Ver em: <http://bit.ly/2LX8etA> Acesso em 20/07/2018

⁵⁸ Deputado Jean Wyllys comenta aprovação das cotas para negros e pardos em concursos públicos. Disponível em: <http://bit.ly/2LZG9lw> Acesso em 20/07/2018

Sua voz e atuação frente a este cenário parecem legítimas. Segundo uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo⁵⁹, em 2017, 44% dos negros e negras se dizem de esquerda. O deputado federal Jean Wyllys aparece entre as cinco figuras públicas brasileiras mais lembradas e lidera ranking de representatividade entre os “psolistas”. O estudo feito com o objetivo de criar dados sobre a relação da comunidade preta e o sistema político, além de motivar a participação política consciente, comprovou a liderança de Jean Wyllys em Brasília. Segundo o estudo, o deputado federal é o principal representante da negritude de esquerda no parlamento brasileiro.

A pesquisa, realizada fora do Rio de Janeiro, domicílio eleitoral de Jean Wyllys, marca uma forte característica da atuação do parlamentar: a defesa dos direitos do povo negro em todo território nacional. A luta antirracista é pauta frequente do parlamentar na Câmara. A identificação e a visibilidade dada às religiões de matriz africana também reafirmam o compromisso com uma das principais pautas do movimento negro.

⁵⁹ Afrodescendentes&Política. Disponível em: <https://www.painelbap.com.br/afroepolitica> Acesso em 20/07/2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fomentação de uma identidade é um processo escorregadio, que não pode ser amarrado com um único conceito. A condição pós-modernidade possibilitou ao indivíduo a ressignificação do que é ser e estar no mundo. O ciberespaço, de certo modo, assegura a possibilidade de construção de um estilo de existência, subjetividade e emancipação.

As múltiplas identidades do ator-em-rede se projetam vigorosamente nas redes sociais, sinalizando novas singularidade e subjetividades, que – por sua vez – vão viralizar pontos de vista e opiniões, redefinindo uma nova modalidade de espaço público. Deste modo, a internet e as redes sociais favorecem à amplificação da subjetividade, fazendo jus à “pluralidade da psiquê”, aos múltiplos desejos dos indivíduos. E, no ciberespaço, o sujeito é liberado para emitir suas opiniões, gostos, escolhas, assim como protestar e manifestar sua indignação, de acordo com o seu interesse e ideologia.

Partindo do pressuposto de que há uma interdependência entre indivíduos e grupos sociais, que, guiados por alianças e conflitos, exercem influência no todo, em maior ou menor proporção, cientes que o todo limita a autonomia das partes (FOUCAULT, 1979). O filósofo nos lembra, em inúmeros estudos, que o poder consiste em uma relação de forças relativas e variáveis. São teias sociais que fomentam agrupamentos de sujeitos de acordo com suas inclinações políticas, culturais, sociais, econômicas, etc.

O poder é, ainda, relacional, à medida em que é expressado por determinados indivíduos ou grupos socialmente posicionados. Pensemos no conceito relacional de poder aplicado como alternativa às perspectivas que demarcam as origens não sociais do poder social. É como se os vários traços sociais de um sujeito encontrassem seu amparo em uma estrutura relacional: busca ser compreendido como indivíduo, ou grupo de indivíduos, com influência e controle sobre os outros. Em outras palavras, refere-se ao grau em que a estrutura de relações ou vínculos entre atores (individuais e/ou coletivos) define a aptidão de certos atores de controlar ou limitar as ações dos demais, concretizando seu discurso sobre o discurso do outro.

Não se trata, portanto, de uma ideologia ou simples estrutura que determina as formas culturais, sociais e políticas, ou de inverdades construídas por um sujeito ou um grupo para sobrepor os demais e garantir sua dominação, "ao contrário, o discurso se impõe sobre todos: 'são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram'".⁶⁰

⁶⁰ SCHETTINI, Andrea. Foucault: Seu pensamento, sua pessoa. Op. cit. p. 37.

É através do discurso que conseguimos observar e desenhar o mundo tal como ele é, ou está, sem relevar valores morais ou ideologias transcendentais. É, portanto, um acontecimento, indo contra à ideia de análise linguística do discurso. Atentemo-nos, assim, à natureza histórica do seu sentido, da emergência de significações que provoca nos significados de identidade, direitos e humanidade. É o que Foucault (2003) chama de "acontecimentalização", compreendendo o acontecimento como relação de força e, assim, entender o discurso como ele é.

As conexões que os sujeitos fazem uns com os outros a partir do seus interesses e oposições transbordam o tradicional conceito de grupo, fomentando, assim, uma rede social com atores independentes, unidos por arquétipos estáveis de relacionamento que se estruturam de maneira estratégica e coletiva em função da edificação da concepção de poder (Pinto Junqueira, 2008)

Nos estudos apoiados na perspectiva da comunicação em rede, as relações entre atores, de natureza humana, e a imersão em campos sociais, resultam em fatores definidores da identidade desses sujeitos. Muitos autores sustentam que essas conexões da rede geram poder/valor ao redor daqueles que compõem aquele espaço. São os laços sociais em uma determinada rede que produz esse biopoder

Esta pesquisa, portanto, apoiou-se no olhar estruturalista de redes complexas que fomentam o surgimento de personas e comunidades afins. Os fragmentos recolhidos desenharam a projeção a qual buscamos evidenciar ao longo de todo o estudo.

Como resultado, encontramos evidências de que Jean Wyllys possui múltiplas identidades em rede ao se revelar um porta-voz de causas que ultrapassam as suas implicações físicas, políticas e ideológicas. Firmando-se como defensor da comunidade LGBT, das mulheres, negros e demais minorias, o deputado abarca outras subjetividades e projeta discursos complexos em nome delas. Como consequência, enfrenta uma sociedade de consenso patriarcal que rebate seu espaço de fala e enfrenta um conflito que parece infinito.

No cerne desse conflito, entramos na esfera da reputação em tempos digitais. Se é através das redes sociais que Wyllys constrói o seu discurso, é lá também que ele terá de enfrentar seus antagonistas e, diariamente, sustentar sua posição e exercer o poder da identidade, quando questionado.

A análise que propusemos aqui é apenas uma amostra da complexidade que é tentar entender a identidade cultural na pós-modernidade. Diante de tal fato, parece compreensível a

dificuldade em se estabelecer um padrão de fragmentação para cada sujeito. O que fica claro aqui é que essa projeção identitária provoca reações. São nesses discursos, como o de Wyllys, que sujeitos - anônimos e comuns - encontram a representatividade ou a falta dela e demarcam o seu território através das possibilidades que o dispositivo oferece.

O ambiente digital, inclusive, tem reconfigurado as relações sociais e ampliado vozes antes não ouvidas. Em contrapartida, também permite o alastramento de discursos de ódio que se escondem por trás de contas falsas e ideologias compradas no mercado do senso comum.

Há que se destacar, por fim, o desafio de continuar mensurando os danos e benefícios que este ambiente provoca no sujeito sob a condição pós-moderna. Cada vez mais, enxergamos a necessidade de debater e pesquisar este e outros pontos dos estudos culturais para contribuir nas futuras ressignificações das relações humanas, de poder e de fomentação e sustentação da identidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. “**Quem é frouxo não se mete**”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Proj. História, São Paulo, (19) nov. 1999 (173-188).

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1997

_____. **O capital social** – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARVALHO, J. M. **A Formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11.

CASAGRANDA, Henrique Sgarbi. **Fãs e antifãs**: estudo das estratégias de comunicação e conflitos em comentários de posts sobre Lady Gaga no site Papelpop. Porto Alegre, 2012.

CATANHO M. C. **Identidade, discurso e ambiente virtual na pós-modernidade**. Linguagens & Cidadania , v. 12, p. 1-16, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, 1998.

CONTRERA, M. S. **Publicidade e Cia**. (Organização). São Paulo: Thomson/Pioneira, 2003.

DELEUZE, G. **Pourparlers**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização, prática social** – prática de sentido. Artigo apresentado no Encontro da Rede Prosul, no seminário Midiatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo/RS, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Ditos & Escritos; IV: Estratégia, Pode-Saber. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

GIOIELLI, R. L. P. **A identidade líquida**. A dinâmica identitária na contemporaneidade dinâmica. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 2005.

GLENN, Evelyn; “**Citizenship and Inequality**: Historical and Global Perspectives” in Social Problems; 47 (1); pp. 1-20, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Stigma**. Notes on the Management of Spoiled Identity. New York, Touchstone, 1963.

_____. **The interaction order**: American Sociological Association, 1982 Presidential Address. American Sociological Review, v. 48, n. 1, p. 1-17, fev. 1983.

_____. Erving. **El orden de la interacción**. In: WINKINm Y. (ed.). Los Hombres y sus momentos. Buenos Aires: Paidós, 1991.

GRAMSCI. **Cadernos do cárcere**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HERRING, Susan C. **Computer-mediated discourse analysis**: An approach to researching online behavior. In: BARAD, Sasha; KLING, Rob; GRAY, James J (eds.). Designing for Virtual Communities in the Service of Learning. New York: Cambridge University Press, pp. 338-376, 2004.

_____. **Discourse in Web 2.0**: Familiar, reconfigured , and emergent”. In: Georgetown. University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media. Washington, Georgetown University Press, pp. 1-25, 2013.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers**: television fans & participatory culture. Nova York: Routledge, 1992.

_____. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEMOS, André., **Cibercidades**, in Lemos, A., Palacios, M., Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura., Porto Alegre, Sulina, 2000.

_____. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede**. Galáxia (São Paulo). 2013

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Ciberdemocracia**, tradução de Alexandre Emílio, Lisboa, Piaget, 2003.

MARSHALL, T. H. **Cidadania e Classe Social** [Ed. atual trad. e rev. Por EaD/CEE/MCT], 2. ed. Brasília: Senado Federal, Centro de Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia, 2002.

MENEZES, Renato Marcelo Teixeira de. **Big Brother Brasil**: fabricação do cotidiano. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Comunicação, Mídia e Cultura pela Universidade de Marília. Marília, 2005.

MEZZARROBA, Orides. **A representação política na era da informação e o espaço reservado ao povo**. In: ROVER, Aires José (Ed). Inclusão digital e governo eletrônico. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2008.

MORAES, D. **Imaginário social e hegemonia cultural. Brasil**: Niterói- Universidade Federal Fluminense, 2002.

NEVES, B. B. **Cidadania Digital?** Das cidades digitais a Barack Obama. Uma abordagem crítica. IN: MORGADO, I. S; ROSAS, A.(orgs). Cidadania digital. Labcom Books, Brasília, 2010.

NÓBREGA, Livia de Pádua. **A construção de identidades nas redes sociais**. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

PENA, Felipe. **A vida é um show**. Celebidades e heróis no espetáculo da mídia. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá. 2002.

RECUERO, R. *A Conversação em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2012

_____. Raquel. **Mídia social e ódio**, 2013. Disponível online em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/01/midia-social-e-odio.html>> Acesso em 20/06/2018

RECUERO, R; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook**: o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

REIS, Leidiane. **Debates sobre a homossexualidade reverberados na mídia**: reflexões sobre a relação entre cultura e comunicação. In: XVIII Congresso De Ciências da Comunicação na região Sudeste, 2013, Bauru. *Anais do XVIII Congresso de Comunicação na região Sudeste*, 2013.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTAELLA, Lúcia. **A Ecologia Pluralista da Comunicação**. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Jair F. dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo, Brasiliense, 1986. 111 p.

SANTOS, Stella Galvão. **Sou curtido, logo existo**: vivendo sob a pressão do curtir. Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e internet do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SLOTERDIJK, Peter. **Gottes Eifer**. Vom Kampf der drei Monotheismen. Frankfurt/Leipzig, Verlag der Weltreligionen/Insel (ed. port.: A loucura de Deus. Relógio d'água), 2007.

SODRÉ, M. **A Máquina de Narciso, Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

_____. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

SODRÉ, M.; PAIVA, R. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOREL, Georges. **Reflexions sur la violence**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

STANGL, A. F. **Estratégias para uma Cartografia de Controvérsias Culturais**: o caso dos rolezinhos nos jornais e redes digitais. Revista Fronteiras (Online) , v. 18, p. 180-193, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

Woodward, K. (2000). **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 07-72. Petrópolis: Vozes, 2007.

Wyllys, Jean **Tempo bom, tempo ruim**: identidades, políticas e afetos / Jean Wyllys. — 1a ed. — São Paulo : Paralela, 2014

YOUNG, Iris Marion. **Representação política, identidade e minorias**. Lua Nova, São Paulo, 67: 263-269, 2006